



luzerna de
Julia de
04.11.81

REPÚBLICA FEDERATIVA DO BRASIL
CÂMARA DOS DEPUTADOS
(DO SENADO FEDERAL)

ASSUNTO:

PROTOCOLO N.º _____

Autoriza o Senhor Presidente da República a conceder
pensão especial.

DESPACHO: JUSTIÇA = FINANÇAS.

À COM. DE CONSTITUIÇÃO E JUSTIÇA em 08 de SETEMBRO de 1981

DISTRIBUIÇÃO

Ao Sr. Dep. ERNANI SATYRO, em 15.09.81
O Presidente da Comissão de JUSTIÇA, Alcides Coutinho
Ao Sr. Deputado ATHIE COURY, em 19
O Presidente da Comissão de Vaneuil
Ao Sr. _____, em 19
O Presidente da Comissão de _____
Ao Sr. _____, em 19
O Presidente da Comissão de _____
Ao Sr. _____, em 19
O Presidente da Comissão de _____
Ao Sr. _____, em 19
O Presidente da Comissão de _____
Ao Sr. _____, em 19
O Presidente da Comissão de _____
Ao Sr. _____, em 19
O Presidente da Comissão de _____
Ao Sr. _____, em 19
O Presidente da Comissão de _____
Ao Sr. _____, em 19
O Presidente da Comissão de _____

SINOPSE

Projeto n.º _____ de _____ de _____ de 19_____

Ementa: _____

Autor: _____

Discussão única _____

Discussão inicial _____

Discussão final _____

Redação final _____

Remessa ao Senado _____

Emendas do Senado aprovadas em _____ de _____ de 19_____

Sancionado em _____ de _____ de 19_____

Promulgado em _____ de _____ de 19_____

Vetado em _____ de _____ de 19_____

Publicado no "Diário Oficial" de _____ de _____ de 19_____

CÂMARA DOS DEPUTADOS

PROJETO DE LEI Nº 5.078, de 1981
(DO SENADO FEDERAL)



Autoriza o Senhor Presidente da República a con-
ceder pensão especial.

(AS COMISSÕES DE CONSTITUIÇÃO E JUSTIÇA E DE FI-
NANÇAS).

ss. Comissões de Constituição e Justiça
e de Finanças. Em 24.8.81



MM

Nº 5.078/81

Autoriza o Senhor Presidente da
República a conceder pensão es-
pecial.

O CONGRESSO NACIONAL decreta:

fica
Art. 1º - É o Senhor Presidente da República au-
torizado a conceder ao editor JOSE OLYMPIO PEREIRA FILHO uma
pensão especial equivalente a dez salários mínimos, no maior
valor vigente no País.

Art. 2º - Esta Lei entra em vigor na data de
sua publicação.

Art. 3º - Revogam-se as disposições em contrá-
rio.

estimada,
SENADO FEDERAL, EM 24 DE AGOSTO DE 1981

J. Passarinho
SENADOR JARBAS PASSARINHO

Presidente



S I N O P S E

Projeto de Lei do Senado nº 126, de 1981.

Autoriza o Senhor Presidente da República a conceder pensão especial.

Lido no expediente da sessão de 27/05/81, e publicado no DCN (Seção II) de 28/05/81.

Distribuído às Comissões de Constituição e Justiça e Comissão de Finanças.

Em 06/08/81, foram lidos os seguintes Pareceres:

Nº 583/81, da Comissão de Constituição e Justiça, relatado pelo Senhor Senador Bernardino Viana pela aprovação do Projeto.

Nº 584/81, da Comissão de Finanças, relatado pelo Senhor Senador Tancreto Neves pela aprovação.

Em 06/08/81, é incluído em Ordem do Dia da próxima sessão, discussão 1º turno, em virtude aprovação do Requerimento nº 196/81.

Em 06/08/81, é aprovado em Primeiro turno, após usar da palavra o Senador Dirceu Cardoso.

Em 07/08/81, é incluído em Ordem do Dia.

Em 10/08/81, é aprovado em segundo turno.

Em 12/08/81, é lido o Parecer nº 593/81, da Comissão de Redação.

Em 14/08/81, é incluído em Ordem do Dia.

Em 17/08/81, é aprovado a redação final.

A Câmara dos Deputados com o Ofício nº. *PM/366, de 24.08.81*



SENADO FEDERAL

PROJETO DE LEI DO SENADO

Nº 126, de 1981

Autoriza o Presidente da República a conceder pensão especial.

O Congresso Nacional decreta:

Art. 1º Fica o Presidente da República autorizado a conceder ao editor José Olympio Pereira Filho uma pensão especial equivalente a dez salários mínimos, no maior valor vigente no país.

Art. 2º Esta lei entrará em vigor na data da sua publicação.

Justificação

Há cinqüenta anos, ou seja, em 1931, um jovem paulista, filho de pequena cidade do interior, Batatais, fundava modesta, mas nem por isso menos ambiciosa editora. Chamava-se ele José Olympio Pereira Filho, e, ainda adolescente, empregara-se como caixeiro — assim se chamava então — da conhecida Livraria Garraud, em São Paulo. Seria aí a escola do futuro grande editor. O trabalho quotidiano fizera-o um apaixonado do livro, cuja vida passara a acompanhar dia-a-dia, ao tempo em que, graças a uma inteligência perspicaz, também se familiarizava com os autores, os seus sonhos e os seus dramas. E animado por um forte sopro de idealismo, certo de que o editor poderia, a um só tempo, acolher e ajudar os jovens e ainda desconhecidos autores, mas também servir à cultura do país, revelando-lhe novos valores, criou o jovem paulista, já então transferido para o Rio de Janeiro, a Livraria José Olympio Editora, cujo cinqüentenário agora se celebra entre os aplausos e o reconhecimento de quantos, no Brasil, amam e acreditam nas letras.

É que José Olympio, dentro de orientação ainda sem precedentes na vida brasileira, voltava-se, principalmente, para a publicação e divulgação de novos autores nacionais, cujo acesso ao grande público parecia difícil, se não impossível. Sob este aspecto, seria ele uma espécie de Mecenas. Tornar-se-ia assim a Livraria José Olympio Editora, por muitos anos, o ponto de encontro entre os leitores brasileiros e jovens poetas, romancistas, contistas e ensaístas. Não aqueles encontros de fins de tarde, na Rua do Ouvidor, onde, em torno do editor cheio de confiança e idealismo, se reuniram alguns nomes cuja fama começava a espalhar-se pelo país.

Bem difícil seria enumerarmos quantos, acolhidos por José Olympio, que lhes abria o acesso ao público, viriam a tornar-se nomes gloriosos da lite-


ratura brasileira. Mas, para lembrar apenas alguns poucos, não há porque não evocarmos José Lins do Rego, Graciliano Ramos, Guimarães Rosa, Carlos Drummond de Andrade, Amando Fontes, Raquel de Queiroz, José Américo, Jorge Amado, Mário de Andrade e tantos e tantos outros que enaltecem as letras brasileiras.

José Olympio orgulhava-se do seu trabalho de grande divulgador de novos talentos, que lhe enchiam as coleções, das quais uma das mais famosas seria a de "Documentos Brasileiros", sucessivamente dirigida por Otávio Tarquínio de Souza, Gilberto Freyre e Afonso Arinos de Mello Franco. Mas, ao tempo em que lutava pelos numerosos autores que acolhia, amparava e divulgava, houve alguém de quem José Olympio se esqueceu inteiramente — foi dele próprio — como é tão comum entre os grandes idealistas, raramente eles amealham prudentemente como a formiga. De fato, ao completar meio século de inestimável trabalho que, aliás, bem lhe valeu a "Ordem Nacional do Trabalho", José Olympio além de não dispor de qualquer recurso de ordem material, pois o imenso é apenas a sua devoção às nossas letras, não tem qualquer vínculo com a Previdência Social, por mais modesto que seja. O sonhador não pensou que algum dia, que almejamos ainda bem distante, deverá recolher as velas e buscar o repouso que merecem e necessitam quantos labutaram numa longa vida. A dele foi uma vida que, sem descanso, semeou o bem.

Mas, se José Olympio se esqueceu de José Olympio, é justo, e mais do que justo, louvável e enaltecedor que a Nação, reconhecida aos grandes serviços prestados, dele se lembre. É o que, modestamente, pretende o projeto que ora submetemos à apreciação dos legisladores brasileiros, e que, certamente, terá, acima das divisões partidárias, o voto dos representantes do Brasil.

Sala das Sessões, 21 de maio de 1981. — *Luiz Viana Filho — Aderbal Jurema — José Lins — Alexandre Costa.*

(*As Comissões de Constituição e Justiça e de Finanças.*)

Publicado no DCN (Seção II), de 28-5-81.



SENADO FEDERAL

PARECERES Nºs 583 e 584, de 1981

Sobre o Projeto de Lei do Senado nº 126, de 1981, que “autoriza o Presidente da República a conceder pensão especial ao editor José Olympio Pereira Filho”

PARECER Nº 583, DE 1981 Da Comissão de Constituição e Justiça

Relator: Senador Bernardino Viana

Vem a exame desta Comissão o Projeto de Lei acima descrito de autoria dos Senhores Senadores Luiz Viana Filho, Aderbal Jurema, José Lins e Alexandre Costa, que autoriza o Excelentíssimo Senhor Presidente da República “a conceder ao editor José Olympio Pereira Filho uma pensão especial equivalente a dez salários mínimos, no maior valor vigente do País”.

Na justificação os ilustres autores, entre outros argumentos, salientam: “é que José Olympio, dentro da orientação ainda sem precedentes na vida brasileira, voltava-se, principalmente, para publicação e divulgação de nossos autores nacionais, cujo acesso ao grande público parecia difícil, senão impossível”. E conclui: “Mas, se José Olympio se esqueceu de José Olympio, é justo, e mais do que justo, louvável e enaltecedor que a Nação, reconhecida aos grandes serviços prestados, dele se lembre. É o que modestamente, pretende o projeto que ora submetemos à apreciação dos legisladores brasileiros, e que, certamente, terá, acima das divisões partidárias, os votos dos representantes do Brasil”.

A medida legal proposta, Senhores membros desta Comissão, é das mais justas e elogiosas.

Face ao impedimento constitucional do art. 57, item II, da Carta, o Projeto é autorizativo, não ferindo, portanto, a competência privativa do Senhor Presidente da República.

Desse modo, o nosso parecer é pela aprovação do Projeto no âmbito desta Comissão.

Sala das Comissões, 24 de junho de 1981. — *Aloysio Chaves*, Presidente — *Bernardino Viana*, Relator — *Raimundo Parente* — *José Fragelli* — *João Calmon* — *Martins Filho* — *Tancredo Neves* — *Almir Pinto* — *Hugo Ramos*.

**PARECER Nº 584, DE 1981
Da Comissão de Finanças**

Relator: Senador Tancredo Neves

A proposição visa autorizar o Excelentíssimo Senhor Presidente da República a conceder ao editor José Olympio Pereira Filho uma pensão especial equivalente a dez salários mínimos.

José Olympio, como todos o conhecem, não é apenas o nome honrado e ilustre que toda a Nação reverencia, mas uma legenda de cultura, inteligência, trabalho e nacionalismo.

Hoje seríamos uma Nação menos culta se não houvesse existido esse grande brasileiro. Ele abriu amplas avenidas para o acesso da inteligência e sensibilidade nacionais às obras marcantes de nossa literatura. Retirou do olvido trabalhos de relevante valor nele mergulhados, revelou, às centenas, valores novos, divulgou o que houve de melhor, nos últimos decênios, no pensamento e na construção intelectual da sociedade contemporânea, em suma, deu às letras, em nosso país, uma contribuição até hoje insuperável e acrescentou ao esforço criador dos nossos intelectuais algumas dimensões de inestimável grandeza, dignidade e beleza. O seu trabalho, além de altamente meritório, é consagrador pelo idealismo, amor e devotamento com que o realizou.

Se as pátrias possuem beneméritos, José Olympio se inscreve entre os maiores que temos tido.

As traduções que levou a efeito, tornaram-se famosas pelo escrúpulo com que o trabalho foi executado, destacando-se entre eles, que se contam às centenas, as obras completas de Balzac, Dostoievski, as Memórias de Casanova, empreendimentos de extraordinário vulto que só encontram explicação na sua inabalável dedicação aos valores eternos do espírito.

As suas coleções e, entre elas, há que se salientar a série “Documentos Brasileiros”, que é um precioso e rico acervo de uma selecionada brasiliiana, supervisionada, sucessivamente, por Otávio Tarquínio, Gilberto Freire e Afonso Arinos de Mello Franco, guarda o que existe de mais notável entre os estudos sobre a realidade brasileira realizados pelos nomes mais ilustres de abalizados sociólogos, historiadores e publicistas.

A José Olympio se deve o enriquecimento de nossas letras com os lançamentos, que fizeram época, dos nomes gloriosos de José Lins do Rego, Graciliano Ramos, Guimarães Rosa, Carlos Drumond de Andrade, José Américo, Jorge Amado, Luiz Viana e tantos outros que trouxeram ao nosso acervo intelectual a sua brilhante colaboração.

Os títulos da Editora José Olympio, que se contam às centenas, constituem uma riqueza de valia inexcedível, que hoje pertencem mais ao Brasil do



que a ela, de vez que se incorporaram definitivamente ao patrimônio de nossa cultura, que encontrou em José Olympio um servidor abnegado, um trabalhador infatigável e um operário sereno e devotado.

Depois de cinqüenta anos de lutas incessantes, de triunfos e decepções — nos quais o Brasil cresceu, se transformou e se oponentou — José Olympio foi se privando dos seus recursos e, hoje, se vê a braços com um destino adverso. A Nação tem para com ele uma dívida irresgatável, que só na gratidão dos brasileiros encontrará resgate. O que pretende o projeto da lavra do nosso eminente colega Luiz Viana Filho é o mínimo que a Pátria agradecida pode fazer por um dos filhos que mais a têm honrado e ilustrado.

Sala das Comissões, 6 de agosto de 1981. — *Franco Montoro*, Presidente — *Tancredo Neves*, Relator — *Affonso Camargo* — *Mauro Benevides* — *José Richa* — *Martins Filho* — *Bernardino Viana* — *Lomanto Júnior* — *Almir Pinto* — *Benedito Canellas*.

Publicados no DCN (Seção II), de 7-8-81.



SENADO FEDERAL

PARECER
Nº 593, de 1981

Da Comissão de Redação

Redação final do Projeto de Lei do Senado nº 126, de 1981.

Relator: Senador Saldanha Derzi

A Comissão apresenta a redação final do Projeto de Lei do Senado nº 126, de 1981, que autoriza o Presidente da República a conceder pensão especial.

Sala das Comissões, 12 de agosto de 1981. — *Adalberto Sena*, Presidente — *Saldanha Derzi*, Relator — *Murilo Badaró*.

ANEXO AO PARECER Nº 593, DE 1981

Redação final do Projeto de Lei do Senado nº 126, de 1981, que autoriza o Senhor Presidente da República a conceder pensão especial.

O Congresso Nacional decreta:

Art. 1º É o Senhor Presidente da República autorizado a conceder ao editor José Olympio Pereira Filho uma pensão especial equivalente a dez salários mínimos, no maior valor vigente no País.

Art. 2º Esta Lei entra em vigor na data de sua publicação.

Art. 3º Revogam-se as disposições em contrário.

Publicado no DCN (Seção II), de 13-8-81



SENADO FEDERAL

REQUERIMENTO

Nº 266, de 1981

Nos termos do artigo 313 do Regimento Interno, requeiro dispensa de interstício e prévia distribuição de avulsos para o Projeto de Lei do Senado nº 126, de 1981, do Senador Luiz Viana, que autoriza o Presidente da República a conceder pensão especial ao editor José Olímpio Pereira Filho, a fim de que figure na Ordem do Dia da sessão seguinte.

Sala das Sessões, 6 de agosto de 1981. — *Luiz Viana.*

CAMARA DOS DEPUTADOS



24/08/1981 012891

COORDENAÇÃO DE COMUNICAÇÕES
EXCELENCIA PESSOAL

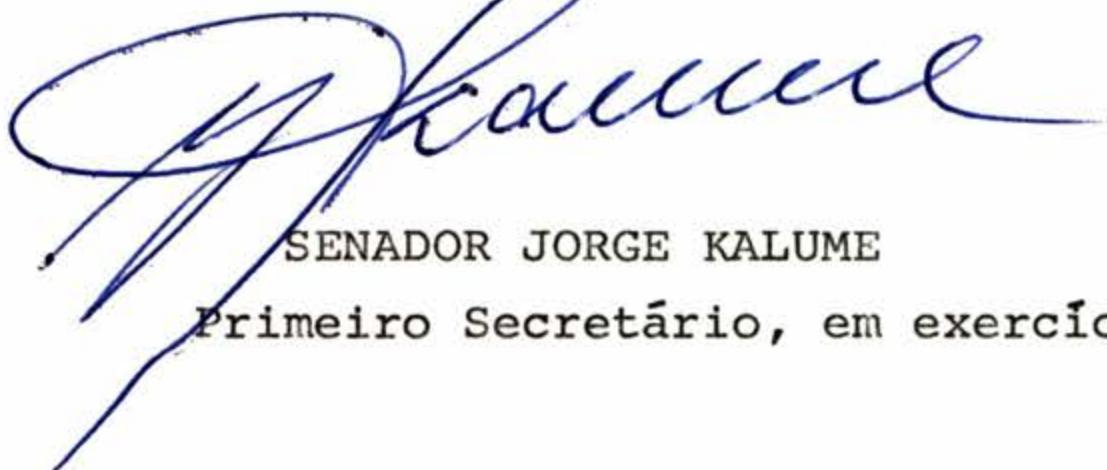
l m | N° 366

Em 24 de agosto de 1981

Senhor Primeiro Secretário,

Tenho a honra de encaminhar a Vossa Excelência, a fim de ser submetido à revisão da Câmara dos Deputados, nos termos do art. 58, da Constituição Federal, o Projeto de Lei do Senado nº 126, de 1981, constante dos autógrafos juntos que "autoriza o Senhor Presidente da República a conceder pensão especial".

Aproveito a oportunidade para renovar a Vossa Excelência os protestos de minha estima e mais alta consideração.



SENADOR JORGE KALUME

Primeiro Secretário, em exercício

A Sua Excelência o Senhor Deputado FURTADO LEITE
DD. Primeiro Secretário da Câmara dos Deputados
MGS/.



Autoriza o Senhor Presidente da República a conceder pensão especial.

O CONGRESSO NACIONAL decreta:

Art. 1º - É o Senhor Presidente da República autorizado a conceder ao editor JOSE OLYMPIO PEREIRA FILHO uma pensão especial equivalente a dez salários mínimos, no maior valor vigente no País.

Art. 2º - Esta Lei entra em vigor na data de sua publicação.

Art. 3º - Revogam-se as disposições em contrário.

SENADO FEDERAL, EM 24 DE AGOSTO DE 1981

SENADOR JARBAS PASSARINHO

Presidente

Deixo meu alerta e meu apelo para que se faça justiça aos cafeicultores, elevando-se o preço mínimo de garantia do café, de imediato, para valores atuais, que, considerando seu custo, devem ser agora de Cr\$ 11.000,00.

Como já disse, Sr. Presidente, a cafeicultura está em crise, da qual não sabemos as consequências, se medidas urgentes não forem tomadas. A insatisfação é grande e geral.

Mas manifestamos nossa confiança no Presidente João Figueiredo, que, sensível aos grandes problemas nacionais e aos reclamos de nossa gente, haverá de determinar medidas urgentes para que se faça justiça à cafeicultura nacional.

O SR. FREITAS DINIZ (PT — MA. Sem revisão do orador.) — Sr. Presidente, Srs. Deputados, a imprensa, neste final de semana, traz afirmações do Ministro da Justiça, Ibrahim Abi-Ackel, que julgo realmente contra o chamado processo de abertura, se é que abertura existe.

O Ministro da Justiça, de maneira irresponsável, não reconhece o Presidente do Partido dos Trabalhadores como tal. Sr. Presidente e Srs. Deputados, o Ministro da Justiça, mais do que qualquer outra autoridade, tem de saber quais os partidos registrados provisoriamente na Justiça Eleitoral e quais os seus presidentes. Quem representa os partidos políticos são seus presidentes e o do nosso Partido — o Partido dos Trabalhadores — é Luiz Inácio da Silva, o Lula.

Infelizmente, essa atitude do Ministro deixa-nos preocupados, porque parece que S. Ex^a recebeu um "puxão de orelhas" das cúpulas militares dominantes, porque o PT tem objetivos determinados, não é um partido formal, como quer essa cúpula, que espera que os partidos sejam formais e que seus objetivos sejam aqueles fixados na tal doutrina da Segurança Nacional.

Vejam bem, Sr. Presidente e Srs. Deputados, não estou falando por ouvir falar, pois os partidos foram definidos como formais exatamente pelo Ministro-Chefe do Estado Maior das Forças Armadas, General José Ferraz, que em conferência na Escola Superior de Guerra, publicada pela *Folha de São Paulo* do dia 10 do corrente mês, diz:

As diferenças partidárias se restringem ao plano formal: é a "forma de atingir os objetivos nacionais e o bem comum que divide a Nação em grupos ou partidos, que através de programas polarizam ponderáveis parcelas da população. As divergências, então, situam-se no como fazer".

Obviamente, o PT tem objetivos determinados. É um partido que se quer organizar para o povo, para os trabalhadores brasileiros; não se trata apenas "como fazer". Temos uma metodologia de trabalho e objetivos determinados, permanentes, não objetivos formais como os que constam da doutrina da Segurança Nacional. Estes sim, são objetivos formais. Sabem por quê? Porque a Lei de Segurança Nacional, quando define o Estado e seus objetivos, fala em soberania nacional, que realmente é um objetivo nacional — só que este Governo não trata de soberania nacional, pois aí estão as multinacionais locupletando-se com as riquezas do povo brasileiro. A Lei de Segurança Nacional fala em integridade territorial, mas assistimos ao enclave Jari e, agora, à internacionalização da Amazônia Oriental — Maranhão e Pará — com o chamado Projeto Carajá. Falam também a doutrina da Escola Superior de Guerra e a Lei de Segurança Nacional em regime representativo e democrático, mas temos Senadores, Governadores e o próprio Presidente da República nomeados. Falam em paz social, e o que se vê é o espancamento de estudantes. Neste fim-de-semana, mesmo, os estudantes tiveram seus direitos cerceados e foram reprimidos pela polícia. Os trabalhadores do ABC foram reprimidos pelo Poder Policial, enquadrados, processados e condenados pela Lei de Segurança Nacional. Fala ainda a tal doutrina em prosperidade nacional, e o que se vê, Sr. Presidente, é uma inflação de 130%, é o endividamento externo de bilhões e bilhões de dólares. Fala em harmonia internacional, e o que se vê é o Brasil — e quando digo Brasil, quero dizer o Governo brasileiro — nessas incursões no Cone Sul, com as polícias de mãos dadas para reprimir brasileiros e uruguaios, cidadãos honestos e sérios da América Latina.

Enfim, objetivos formais são esses definidos na doutrina da Escola Superior de Guerra, na famigerada Lei de Segurança Nacional: objetivos permanentes são os dos Partidos dos Trabalhadores e — cremos nós — os que constam nos estatutos de todos os partidos oposicionistas.

Era o que queria registrar para dizer à Nação, alto e bom som, que o que existe é um engodo. O Ministro da Justiça realmente é um titere da classe, ou seja, da cúpula militar dominante.

O SR. ERNANI SATYRO (PDS — PB. Pronuncia o seguinte discurso.) — Sr. Presidente, a Livraria José Olympio Editora está comemorando, no corrente ano, o seu 50º aniversário. Meio século de existência.

Por mais de uma vez já tive oportunidade de ocupar a tribuna da Câmara dos Deputados para registrar a passagem de aniversário dessa Editora, que

tão elevados serviços vem prestando à inteligência e à cultura brasileira. Fiz esse registro quando do 35º e do 30º aniversário daquele Casa.

Dada a exigüidade do tempo de que disponho, dou como lido aqueles pronunciamentos, bem como outros documentos e estudo a respeito da grande figura humana de José Olympio, a quem sempre considerei um homem público, mesmo sem exercer nenhuma função ou atividade política. É homem público pelo interesse que tem por tudo quanto se refira aos problemas fundamentais do Brasil, à sua política e à sua administração.

A Livraria José Olympio é um viveiro onde se reunem os maiores brasileiros — escritores, poetas, artistas da mais diversa natureza, políticos, e finalmente, as figuras mais representativas de nosso mundo social, intelectual e executivo. E também os mais novos e iniciantes.

O interesse de José Olympio pela coisa pública manifesta-se sem qualquer preferência partidária, embora ele se preocupe sempre com a sorte de seus amigos e manifeste sua simpatia por todas aquelas causas desprovidas de posições extremadas e voltadas para o bem do povo.

Fique, pois, registrada a efeméride. Para José Olympio e a Casa, como todos nós seus amigos carinhosamente a denominamos — deixo aqui as minhas congratulações, carregadas de toda a emoção que ora me domina, pelo conhecimento que pertence à cultura brasileira.

1) Discurso do Deputado Ernani Satyro, publicado no DCN de 30-11-66, pág. 6946.

S.R. PRESIDENTE:

Em a palavra o nobre Deputado.

O SR. ERNANI SATYRO (Como Líder. Comunicação) — Sr. Presidente, o dia de hoje representa uma grande data para a cultura brasileira. Faz precisamente 35 anos que se instalou a Livraria José Olympio Editora, que tão grandes serviços vem prestando ao nosso País. Quero, pois, registrar o Jubileu de Coral de uma editora que figura sem qualquer favor na história da inteligência brasileira, através da publicação de obras monumentais.

Aproveito a oportunidade para reproduzir o que, desta mesma tribuna, disse há 5 anos, quando a Livraria José Olympio Editora completava 30 anos de existência. Faço-o como homenagem a um nome digno, por todos os títulos, de apreço e da admiração dos brasileiros.

“O SR. ERNANI SATYRO: — (Lê a seguinte comunicação) — Sr. Presidente, quero deixar registrado nos Anais desta Casa do Congresso o transcurso do 30º aniversário da Livraria José Olympio Editora, que a cultura brasileira comemorou no dia 29 de novembro.

O excesso de trabalhos desta maratona legislativa, que ora se esgota, não sem antes esgotar a nós todos, só agora me permite cumprir este dever, que não é apenas meu, mas das letras nacionais.

A Livraria José Olympio, ou mais particularmente a “Casa”, como lhe chamam os familiares — e familiares se tornam todos os bons elementos que dela se aproximam — constitui hoje, no Brasil, uma espécie de instituição pública, não apenas pelos serviços que tem prestado à nossa inteligência, em todos os ramos do conhecimento, como ainda, e talvez principalmente, pelo insistente carinho com que o seu chefe, o J. O. da intimidade, sofre e vibra com os sofrimentos e as vibrações do Brasil.

Um de seus amigos, talentoso e desabusado, disse certa vez, num misto de brincadeira e desabafo, que o escritório de José Olympio tinha um ar ministerial. E tem. Tem, não só no seu aspecto material, como na atitude do chefe, no estado de espírito de quantos freqüentam a Casa. Difícilmente se pode encontrar, em qualquer parte ou lugar que não seja um Ministério, um Palácio de Governo, aquele ar de coisa pública, aquela curiosidade por tudo quanto seja problema brasileiro — econômico social, político, científico ou literário. É nesse sentido que tenho repetido muitas vezes que José Olympio é um homem público. Como é natural, nem sempre concorde com a sua opinião.

“José Olympio” é uma verdadeira família: Uma família não somente de seus irmãos de sangue — Daniel, Athos, Antônio Olavo, o já famoso Marçal — e seus filhos, Coly e Verinha. É uma família de todos nós, os intelectuais e escritores brasileiros, que temos lá, no 6º andar do número 12 da Rua Peçanha, a nessa casa, a casa da amizade, da inteligência, das conversas amáveis e cordiais, mas também, por vezes, ou muitas vezes, das discussões calorosas. E tudo gira em torno do chefe, que tendo, certamente, aprendido em livros muito menos do que quase todo nós, tem, por assim dizer, a sabedoria dos livros de seus amigos. Sim, porque o J. O. parece aprender com o cheiro dos livros, parece adivinhar aquilo que os outros tanto custaram a aprender.

Não citarei as grandes coleções, as grandes obras isoladas nem os grandes nomes que têm passado pela Casa. Seria difícil enunciá-los. O que se pode dizer, como expressão mais fiel desta homenagem, é que ali está o Brasil. Do mesmo modo que, na mais pequena rés, nós vemos inteira a face



do sol, através da Livraria José Olympio Editora nós poderemos ver o Brasil-inteligência, o Brasil-Cultura, o Brasil-civismo, o Brasil-inquietação. Não é necessário elogio maior."

Era o que desejava dizer. (Muito bem.)

RELAÇÃO DE DISTINÇÕES CONFERIDAS AO EDITOR JOSÉ OLYMPIPO POR "SERVIÇOS PRESTADOS AO BRASIL":

1. *Ordem Nacional do Mérito*, conferida pelo Presidente Juscelino Kubitschek.
2. *Ordem do Mérito do Trabalho*, para a qual foi nomeado pelo Presidente da República, Marechal Castello Branco, através do *Ministério do Trabalho*, sendo Ministro do Trabalho e da Previdência Social o Sr. Jarbas Passarinho. Diz o diploma: "Distinguiu-se o editor José Olympio em sua valiosa colaboração no desenvolvimento cultural do país, pelo que fez jus ao reconhecimento nacional".
3. *Medalha de "Amigo da Marinha"*, concedida pelo Comandante do 1º Distrito Naval, Vice-Almirante Mauro Ballousier.
4. *Ordem de Rio Branco*, concedida pelo Presidente da República, General Médici, no 70º aniversário do editor José Olympio.
5. *Medalha de Caxias*, concedida pelo Ministério do Exército.
6. Homenagem da Câmara dos Deputados, em discurso do Líder Ernani Satyro, no 35º aniversário da Editora José Olympio.
7. *Medalha Machado de Assis*, da Academia Brasileira de Letras, no 30º aniversário da Editora José Olympio.
8. *Medalha João Ribeiro*, da Academia Brasileira de Letras, concedida no 75º aniversário do editor José Olympio.
9. *Ordem do Mérito Cultural*, Concedida pela União Brasileira de Escritores.
10. *Benção Apostólica*, dada pelo Papa Paulo VI.
11. Título de *Cidadão Carioca*, conferido pela Assembléia Legislativa do Estado da Guanabara.
12. Título de *Cidadão Paulistano*, conferido pela Câmara Municipal de São Paulo.
13. *Troféu Personalidade Global*, conferido pelo Juri Nacional de *O Globo*, no 70º aniversário do editor José Olympio.
14. *Prêmio Estácio de Sá*, do Museu da Imagem e do Som, no 70º aniversário do editor.
15. *Placa de bronze* oferecida pelos escritores brasileiros no cinquentenário do editor.
16. *Prêmio Paula Brito*, da Secretaria de Educação do Rio de Janeiro.
17. *Prêmio Apolo de Literatura*, da Sociedade de Arte do Rio de Janeiro.
18. *Faculdade de Letras José Olympio*, distinção conferida pela cidade de Batatais no 70º aniversário do editor.
19. *Homenagem aos Bandeirantes — "Homens Eminententes no Campo das Atividades Pioneiras do Brasil"*, com a Galeria dos Pioneiros, na qual foi incluído o editor José Olympio pelo júri do Consórcio Brasileiro de Investimentos.

LIVRARIA JOSÉ OLYMPIPO EDITORA FUNDADA EM 29-11-1931.

4.500 EDIÇÕES FEITAS ATÉ JULHO DE 1980.

Relação de alguns livros editados e de algumas Coleções:
Mar. Juarez Távora — *Uma vida e muitas lutas* (memórias, 3 vol.)
Luis Viana Filho — *O Governo Castello Branco*
Luis Gonzaga do Nascimento e Silva — *Mundo e transformação*
General Golbery do Couto e Silva — *Geopolítica do Brasil*
Roberto Campos — *O mundo que vejo e não desejo*
Mário Henrique Simonsen — *A nova economia brasileira*
Obras de Getúlio Vargas — 15 Volumes
Juscelino Kubitschek — *Uma campanha presidencial*
Café Filho — *Do Sindicato ao Catete* (memórias)
General Meira Matos — *Uma geopolítica Pan-Amazônica*
Senador Daniel Krieger — *Desde as Missões...* (memórias)
Armando Salles de Oliveira — *Jornada Democrática*
Milton Campos — *Testemunhos e ensinamentos*
Francisco Campos — *Educação e Cultura*
Afonso Arinos de Mello Franco — *A Alma do tempo* (memórias)
Pedro Calmon — *História do Brasil* — 7 vols. — 1.000 ilustrações
Herman Lima — *História da Caricatura no Brasil* — 4 vols. — 910 ilustrações
Octávio Tarquínio de Souza — *História dos Fundadores do Império do Brasil* — 7 vols. — 610 ilustrações
Obras completas de José de Alencar (ficcão) — 7 vols. ilustrados
Obras completas de José Lins do Rego — 13 volumes

Obras de *Gilberto Freyre* — 20 vols. ilustrados
Cervantes — *D. Quixote de la Mancha* — 5 vols. 370 ilustrações
Obras de *Oliveira Viana* — 12 vols.
Obras completas de *Dostoevski* — 20 vols. ilustrados
Encíclica *Mater et Matistra e Pacem in Terris* — Edição Bilingüe (latim-português), traduzido e anotada.
Coleção Documentos Brasileiros — 189 volumes
Encyclopédia Life — 48 volumes ilustrados
Laurita Raja Gabaglia — *A vida de Epitácio Pessoa*
Bruno de Almeida Magalhães — *A vida de Artur Bernardes*
José Américo de Almeida — *A bagaceira*
Obras completas de *Graciliano Ramos* — 12 vols.
Lucia Miguel Pereira — *A vida de Machado de Assis*
Coleção de Romances e Contos do Brasil — cerca de 200 volumes eddos.
Obras completas de *Carlos Drummond de Andrade* — 18 vols.
Obras de *Manuel Bandeira* — 4 vols.
Pontes de Miranda — *Tratado de Direito Internacional e Privado — reito Cambiário*
Obras completas de *João Guimarães Rosa* — 7 vols.
Sylvio Romero — *História da Literatura Brasileira* — 5 vols.
Sylvio Romero — *O Folclore brasileiro* — 3 vols.
Luís da Câmara Cascudo — *Educação e Cultura*
Prof. A. da Silva Melo — *O Homem: sua vida, sua educação, sua felicidade*
Coleção de Poesia Brasileira — cerca de 100 volumes publicados
Coleção Menina e Moça — 44 volumes
Coleção Rubayat (grandes livros da literatura universal) — 45 vols.
Prof. Rocha Lima — *Gramática Normativa da Língua Portuguesa*
Coleção Brasil em Questão — 7 vols. — Direção do Prof. Tarcisio P. Iha
Coleção Brasil Jovem (Seletas dos grandes escritores brasileiros contemporâneos) — 28 vols. Direção do Prof. Paulo Ronai
Laudelino Freire — *Novíssimo Dicionário da Língua Portuguesa* — vols.
Obras de *Rachel de Queiroz* — 10 vols.
Imitação de cristo — Trad. do Padre Leonel Franca
Obras de *Alceu Amoroso Lima* — 6 vols.
Marechal Mascarenhas de Moraes — *Memórias*
Obras de Mons. Álvaro Negromonte para o Ensino da Religião — vols.
Da Bíblia:
O livro dos Provérbios
O livro da Sabedoria
Salmos
O Sermão da Montanha
Eclesiastes
Shakespeare — *Macbeth*. Trad. de Manuel Bandeira
Carlos Langoni — *A Economia da Transformação*
Obras de Josué Montello — 10 vols.
Wladimir Alves de Souza — *Iniciação à Cultura Brasileira* — 5 vols. com 450 slides coloridos sobre arquitetura, gravura, desenho, escultura, artesanato, artes populares, museus de arte, ciência, tecnologia, conjuntos urbanos, museus históricos.
Obras de *Vinícius de Moraes* — 5 vols.
Obras de *João Cabral de Melo Neto* — *Morte e Vida Severina*, *Poemas completas* e outros.
João Saldanha — *Os Subterrâneos do Futebol*
Obras de Lygia Fagundes Teles — 6 vols.
Obras de Luis Jardim — 10 vols.
Juracy Magalhães — *Minha Vida Pública na Bahia*
Ernani Satyro — *Mariana — O Quadro Negro*
Foi editor das obras completas de Humberto de Campos e editou os primeiros romances de Jorge Amado.

SONETO EM HOMENAGEM A JOSÉ OLYMPIPO, NO PASSAGEM DO ANO: 1953/1954

SONETO INGLÊS

Que coisa é o livro? Que contém na sua
frágil arquitetura transparente?
São palavras apenas, ou é a nua
exposição de uma alma confidente?
De que lenho brotou? Que nobre instinto



da prensa fez surgir essa obra de arte
que vive junto a nós, sente o que eu sinto,
e vaiclareando o mundo em toda parte?
Meu caro José Olympio, sé louvado
pelos livros que o tempo vai guardando,
nascido de teu sonho no passado,
pois cada livro ao tempo irá lembrando
o que a vida de um homem pode ver
quando ele sabe amar e compreender.

XXX

Carta do Prof. Afonso Arinos de Melo Franco, que abre o volume comemorativo do 35º aniversário da Coleção Documentos Brasileiros, escrita de Roma pelo diretor da Coleção. É documento oportuno e expressivo, porque faz o levantamento histórico de uma iniciativa cultural que, no dizer do eminente escritor, vale por um retrato de corpo inteiro de um país e de um povo.

Meu Caro José Olympio,

Com as memórias de Cândido Motta Filho, a Coleção Documentos Brasileiros completa 150 títulos.

É uma feliz oportunidade que isto aconteça através da recordação de uma existência exemplar, a do ilustre brasileiro de São Paulo, sempre presente, e muitas vezes na primeira linha, aos mais diversos e complexos episódios da gestação do Brasil moderno. Nas letras, Cândido Motta Filho foi atuante no movimento modernista de 1922, para evoluir, com outros companheiros daquela rebeldia libertária, até à Academia Brasileira. Na política, continuador da tradição paterna dentro dos quadros do partido que fundou a República, chegou a Ministro de Estado. No direito, alcançou as lâureas mais altas que essa ciência oferece, na cátedra da Faculdade do Largo de São Francisco e no hemiciclo do Supremo Tribunal Federal.

Mas todos esses títulos correspondem e consagram apenas as qualidades humanas do escritor paulista, a riqueza da sua afetividade, a sua austeridade sem alardes, a sua doce filosofia, ao mesmo tempo cristã e horaciana.

Com o número comemorativo de uma etapa vencida, nossa Coleção festeja um brasileiro que enobrece o tempo em que vive.

Mas ela própria, a série de livros memoráveis editados pela Casa, iniciada por Gilberto Freyre, continuada por Octávio Tarqüínio de Sousa, e que hoje tenho a honra de coordenar, ela própria, a nossa *Documentos Brasileiros*, constitui um dos maiores monumentos da cultura nacional.

Parodiando a frase latina, pode-se dizer que nada do que for brasileiro lhe será estranho.

Nossa terra e nosso povo nela aparecem de corpo inteiro, em estudos muitos deles clássicos (no sentido que Sainte-Beuve atribui a este qualificativo), alguns não só de reputação nacional, como de repercussão internacional.

A geografia, a história política, a história literária, a crítica, a sociologia, a biotipologia e a caracterologia, a história das idéias, a filologia, o folclore, o urbanismo, a interpretação sociopsicopolítica, a evolução da técnica e do trabalho, a biografia, a história administrativa, a etnografia, a colonização, a miscigenação, a história religiosa, a história militar, a história econômica, e finalmente, as memórias, eis o vasto campo, pode-se dizer a totalidade do Brasil, no seu corpo, na sua alma, na sua cultura, na sua evolução, nas suas esperanças, que se acha reunida ao vivo, em 170 obras todas boas, algumas excepcionais. O conjunto delas forma uma construção bibliográfica que faz honra à nacionalidade.

A Coleção é a nau capitânia de sua frota numerosa, meu caro José Olympio. Embora comercialmente talvez não se destaque, entre outras realizações da Casa, em permanente crescimento, a verdade é que a Documentos Brasileiros representa hoje, como fez ontem e como fará amanhã, o sentido puramente brasileiro da obra empresarial e cultural a que você dedicou a existência, com o apoio dos seus irmãos e filho, e com a colaboração de amigos velhos, entre os quais me inscrevo, há perto de quatro décadas.

Percorrer o índice da Documentos Brasileiros é uma experiência ao mesmo tempo melancólica e consoladora. É relembrar, ao lado de nomes de mestre consagrados, há muito desaparecidos, as imagens daqueles que conosco conviveram de perto, mas que também já se foram, bem como as figuras de encanecidos companheiros de geração em plena produtividade, ou de jovens que abrem a sua rota e serão os mestres de amanhã.

Um país tem sua perenidade cultural nesse constante movimento. O aprimoramento de uma cultura em expansão processa-se por esta incessante afluência, que aumenta a herança nacional sem desfigurá-la.

O círculo perfeito de uma cultura fechada indica estabilidade e primor, mas também morte. Assim o helenismo, o arabismo, o renascimento, o enciclopédismo completaram seus ciclos. Nossa cultura, com tantas e tão várias influências, lusas, africanas, asiáticas, nórdicas, indígenas, além de outras,

não se estiola em realizações finais; antes sua marca permanente está na mutação. Esta mutação coordenada, em torno ao que podemos considerar os polos de atração de tradições e de esperanças comuns, é que faz a força do Brasil novo, isto é, do Brasil de sempre, que acompanha o tempo universal.

Hoje um homem da minha geração pode olhar com confiança — além de amor — o futuro de seu povo.

Ele está indicado, no mais alto nível de possibilidades, nos mais altos padrões da inteligência pela estante de livros que já constitui a Coleção Documentos Brasileiros, a qual continuará a espelhar a mutação e a permanência do Brasil.

Roma, 24 de setembro de 1971. — Afonso Arinos de Melo Franco.

4) ARTIGO DO JORNALISTA PAULO RÓNAI.

J.O., EDITOR E AMIGO

UM QUARTO DE SÉCULO DEDICADO AOS LIVROS

Paulo Rónai

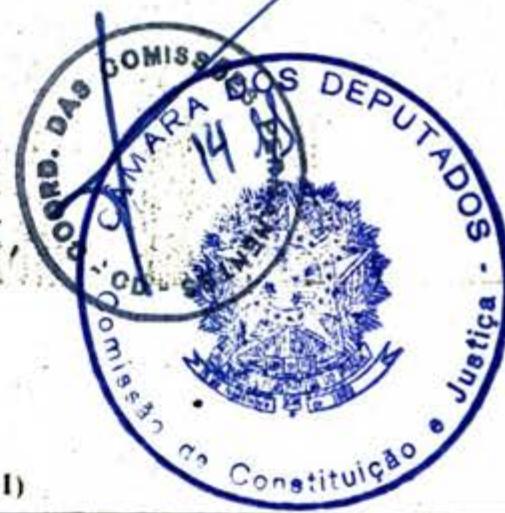
Muitas Casas editoras contam vinte e cinco anos de existência, e até bem mais, mesmo neste hemisfério onde não há firmas com a venerável antiguidade de uma Didot ou uma Brockhaus. O que se festejará, pois, neste novembro de 1956, quando a Livraria José Olympio Editora celebrar o seu vigésimo quinto aniversário, é muito menos a idade do que um fato que a oportunidade do retrospecto patenteia com relevo particular: os cinco lustros da firma estão inseparavelmente ligados à história da literatura brasileira. Quando, para fazer esta reportagem, me pus a examinar a natureza dessa ligação, involuntariamente me lembrei do problema que tantas disquisições originou desde que o raciocínio humano funciona, a saber, se o ovo existiu antes da galinha, ou vice-versa. Foi o grande surto da literatura moderna do Brasil que produziu José Olympio? Foi José Olympio quem provocou esse grande surto? Sem dúvida, uma casa editora como a dele só podia funcionar num ambiente de grande efervescência intelectual e pródigo de talentos; mas não é menos certo que a literatura brasileira não teria atingido vitalidade tão intensa e produzido obras de valor em número tão grande se não houvesse a ampará-la um homem com a visão, a paixão e a pertinácia de José Olympio Pereira Filho.

É este o nome daquele que, por volta de 1918, menino de quinze anos, entrou a trabalhar na Livraria Garraux de São Paulo. Começou pelo serviço de faxina e acabou, uns quinze anos depois, gerente e sócio interessado. Pouco tardou que deliberasse estabelecer-se por conta própria. Com dinheiro emprestado por amigos comprou uma grande biblioteca particular e abriu uma loja para vendê-la volume por volume. Não levou muito tempo a compreender que a sua verdadeira vocação era editar. Depois das primeiras publicações. Transferiu a sua livraria para a capital do país e pôs-se a lançar novidades em ritmo cada vez mais acelerado. Tais novidades eram sobretudo livros de autores brasileiros, muitos deles desconhecidos então e que se tornariam célebres de um momento para outro. Assim também o nome do novo editor, abreviado em José Olympio pela própria firma, e agora — ao aproximar-se da bimilésima edição e do décimo milionésimo exemplar, reduzido por amigos e conhecidos a J.O., monograma carinhoso que resume mais afeto do que um discurso e é um sinal inequívoco de popularidade.

Nascido em Batatais, no Estado de São Paulo, J.O. é filho de pai baiano e mãe paulista. Os baianos se reconhecem pela facundia, a cordialidade, a força da imaginação o amor da fantasia e do colorido. Os paulistas passam por modelos de energia, homens trabalhadores e graves, persistentes e positivos. Por toda a vida de José Olympio vemos a sua metade paulista executar com firmeza os sonhos da metade baiana.

É o segundo de nove filhos. Da grande família coesa, traz consigo um forte espírito de clã. Desde o início encontra seus colaboradores mais íntimos em casa. O primo irmão Moacir é o seu primeiro auxiliar. À medida que os negócios tomam vulto, atrai para a firma os irmãos Celeste, Daniel, Athos, Antônio Olavo (o talentoso romancista de *Contra-Mão*) e Flávio (professor), o cunhado Luís Melo, os primos Gilberto de Azevedo e José Mário de Almeida, estes últimos diretores de filiais da Casa.

Todo esse pessoal vê em José Olympio mais do que um gerente, um pai. A estatura, os gestos lentos, a voz pausada, tudo favorece em José Olympio a atitude patriarcal, e ele próprio reforça-a querendo dar a impressão de mais idade do que tem realmente. Como os *pater-familias* do tempo antigo, empenha-se em manter a unidade tribal, interessa-se pelos casos de todos, adota os problemas de cada um. E como se a vasta família não fosse bastante grande, amplia-na as relações que se estabelecem irremediavelmente entre J.O. e seus editados. A simpatia transforma-se em amizade, a amizade em parentesco: uns convidam-no para testemunha de casamento, outros para padrinho dos filhos, outros ainda lhe submetem complicações íntimas. Nisso a família Pereira vai crescendo cada vez mais, apesar da diferença dos sobrenomes. Tardes a fio, obedecendo às imposições de um caráter afetivo, José



Março de 1950

Olympio, encostado na cadeira entre pilhas de livros, ouve, silencioso, as confidências, as propostas, os pedidos de seus editados. Não fala muito e tem poucos gestos. O mais frequente é pegar de um dos telefones para tratar do caso. Na outra extremidade do fio há sempre, fatalmente, um amigo (J.O. passou a vida a colecioná-los), muitas vezes alguma das mais altas autoridades do país, e no Brasil quase todos os problemas se resolvem pela amizade.

Impossível prever um limite ao crescimento da família, pois se todos os escritórios inéditos do Brasil, o poeta de Goiás, o romancista do Piauí, o ensaísta do Território do Acre, sonham ser adotados e editados por J.O.! O dístico *Livraria José Olympio Editora* parece possuir alguma força mágica: com ele no frontispício, o livro escapa à odiosa conspiração do silêncio, alicia os noticiários literários, doma a malta dos críticos. O fato é que a multiplicidade de escolhas felizes, de obras-primas lançadas, de talentos descobertos confere às publicações da editora a chancela da qualidade. É por isso que os escritores brasileiros de alta categoria, que por alguma circunstância estrearam noutras editoras, convergem para esta e acabam sendo normalmente absorvidos pela Casa. ("A Casa" — é com esta palavra que José Olympio gosta de despersonalizar-se, incluindo nela, além de si mesmo, os seus colaboradores e a grande tradição de seus livros.)

Já se vê que no decorrer desses vinte e cinco anos José Olympio se especializou na publicação de obras de autores brasileiros. Não que a editora se tenha alheado do movimento universal das letras; mas a perspicácia (e o coração) do editor percebeu desde cedo que não haveria literatura nacional continua e fecunda sem uma grande editora empenhada em lançar-lhe com regularidade os produtos. Contrariamente à maioria dos seus editados (o intelectual brasileiro facilmente adota atitudes cépticas em relação aos valores de seu país), José Olympio é um otimista militante: crê nas possibilidades infinitas da sua terra.

Percebendo em boa hora que essa especialização correspondia a uma vocação e que a literatura nacional confluía irresistivelmente aonde era aguardada com tanto fervor, os demais editores se acantonaram espontaneamente noutros ramos. Casas importantes, bem aparelhadas e com boa folha de serviços, especializaram-se em setores diferentes: o livro didático, o livro infantil, o livro traduzido — todos, diga-se a verdade, menos arriscados e aventurosos do que o ramo escolhido por José Olympio.

A cristalização da literatura nacional em torno dele é sumamente facilitada pelo extraordinário espírito de tolerância de J.O. Indiferente às convicções ideológicas de seus editados, às suas ligações políticas e compromissos partidários, só lhes exige uma credencial o talento. Editor e amigo pessoal de Getúlio Vargas (a quem permaneceu fiel durante os anos do ostracismo), nem por isso deixou de editar obras dos maiores adversários do antigo presidente e ditador, assim como *Memórias do Cárcere*, em que o maior prosador do Brasil, Graciliano Ramos, conta suas experiências amargas nas prisões do Estado Novo de Getúlio, para onde fora arrastado sem acusação formulada e sem julgamento.

Que a existência de uma organização dessas tenha estimulado gerações de escritores não é apenas uma plausível suposição. Basta abrirmos algumas das publicações mais importantes da Casa para encontrar provas sólidas em apoio a essa tese.

Octavio Tarquínio de Souza dedica a *Vida de D. Pedro I* "a José Olympio, sem cujo estímulo não teria escrito este livro". Hernani Silva Bruno, no prefácio de sua *História e Tradições de São Paulo*, agradece a José Olympio, "sem cujo estímulo e colaboração não teria ido por diante o empreendimento". Afonso Arinos afirma no prefácio de *Um Estadista da República*: "Quanto a José Olympio, devo dizer que mais parecia autor atrás do editor que o contrário. Ele é que me escrevia bilhetes, mandava recados, telefonava-me, insistindo, informando-se, pressionando, claro que só movido por velha amizade e também pelo seu devotamento a tudo que lhe pareça merecedor de amparo e fixação na vida brasileira".

Limitemos os nossos exemplos a esses três, precisamente por se tratar de três obras monumentais, destinadas a um público de escol. de elaboração demorada e êxito comercial imprevisível; mas poderíamos acrescentar-lhes muitas outras manifestações de sentido análogo. Com seus encorajamentos de toda espécie, morais e materiais, José Olympio contribuiu para transformar em profissão o ofício de escritor, que no Brasil era passatempo, aventura ou suicídio.

Os escritores brasileiros têm plena consciência desse fato. O ilustre sociólogo Gilberto Freyre realça-o em palavras incisivas: "Quem diz José Olympio, não diz apenas um indivíduo, mas uma instituição. Quem diz Editora José Olympio não diz apenas um estabelecimento comercial, mas uma força, um ânimo, um espírito há anos inseparável da cultura brasileira. Mais do que isto, José Olympio é um exemplo de que a iniciativa particular pode tornar-se tão nacional, tão pública, tão esplendidamente superior à simples

interesse privado quanto um ministério ou um serviço, dos que existem oficial e ostensivamente para atender às necessidades de um povo neste ou naquele setor".

Sim, um serviço público, mas sem a burocacia. Apesar do volume cada vez maior dos negócios, José Olympio e seus irmãos continuam acessíveis como sempre foram, alheios a formalidades, simples e eficientes. Transações das mais vultosas ainda hoje são apenas apalavradas e o contrato escrito uma inovação relativamente recente na Casa. Esta, aliás, observa em relação a todas as suas publicações brasileiras o princípio de não comprar nunca livros de maneira definitiva, assegurando a seus autores percentagem em todas as edições sucessivas.

Outras características da editora talvez sejam consequência da vontade de evitar a hipertrofia administrativa e burocrática de uma indústria diferente de todas as demais. Ela não possui nem tipografia, nem oficina de encadernação, nem corpo de tradutores profissionais, nem leitores contratados. Suas edições são impressas e encadernadas em oficinas alheias, quase todas localizadas em São Paulo. As traduções são confiadas, não raro, a autores da casa, muitos deles da primeira plana no panorama nacional.

Quant à escolha dos originais, processa-se um tanto misteriosamente. Certo é que os diretores da casa dificilmente poderiam ter tempo para operar seleção na avalanche que lhes é submetida. José Olympio, além de todas as preocupações da direção-geral, está escravizado ao contato humano com seus autores, nesses bate-papos aparentemente ociosos, mas tão fecundos em sugestões e resultados positivos, que fazem de seu escritório uma espécie de café literário, onde nem sequer faltam as fumegantes xícaras de café, completando a ilusão; de mais a mais, arisco de ficar a par de tudo o que acontece no Rio e no Brasil, lê todos os jornais, e, para espalhacer, não dispensa o seu cinema diário, nem as suas corridas de domingo. Os irmãos, assoberbados pelas missões administrativas, técnicas, comerciais do negócio, tampouco podem levar tudo. Quem lê e escolhe então para a Casa? Quem faz com que, tantas vezes mal comece a elaborar-se um grande livro em qualquer parte do Brasil, a editora entre em contato com o autor? Interrogado a respeito disso, J.O. preferiu esquivar-se com um sorriso, falando numa "comissão secreta". Serão provavelmente duas dúzias de amigos, entre os fisionomistas e críticos mais ligados à editora, que, sem nenhuma incumbência fixa, escutam, olham, lêem, filtram e encaminham para José Olympio o que se escreve de mais interessante no Brasil, e mesmo no mundo.

O único membro visível dessa coligação é o historiador Octavio Tarquínio de Souza, orientador plenipotenciário da importante coleção *Documento Brasileiro* (um dos orgulhos de J.O.), que abrange monografias — históricas, sociológicas, etnográficas, biográficas — sobre assuntos nacionais e está em vésperas de atingir o centésimo volume com a *Bibliographie Brésilienne de Hypolite Garraux*, o velho livreiro francês em cuja loja o menino José Olympio Pereira Filho há perto de quarenta anos começou a aspirar a poeira dos livros, a única que dá embriaguez.

O 25º aniversário seria uma boa oportunidade para a Casa fazer um balanço de suas atividades, reeditando, atualizado, o catálogo de 1949. Pouco provável, porém, que os Pereira tenham tempo para isso; tão febril o andamento das atividades, tantos empreendimentos novos lhes impõe diariamente a literatura viva, que não lhes sobra lazer para olhar para trás. A enchente de originais novos impede, aliás, que as reedições atendam ao ritmo da procura, ao sair o catálogo, muitos títulos já estariam fatalmente esgotados.

Os autores principais da Casa? Numa coincidência quase perfeita, os nomes principais da literatura brasileira: José Lins do Rego, Rachel de Queiroz, Graciliano Ramos, Octavio de Faria, Lúcia Miguel Pereira, no romance; J. Guimarães Rosa, na novela; Gilberto Freyre, Octavio Tarquínio de Souza, Sérgio Buarque de Hollanda, Álvaro Lins, Silva Melo, Oliveira Viana, na monografia e no ensaio; Carlos Drummond de Andrade, Manuel Bandeira, Augusto Frederico Schmidt, João Cabral de Melo Neto, Cassiano Ricardo, Lédo Ivo, na poesia. Os nomes da literatura universal são menos numerosos: podem ser considerados "autores da Casa" Cronin e Remarque, de quem toda a obra foi divulgada em português por J.O. Neste setor, ele parece inclinar-se para edições monumentais: a nova tradução de *Dom Quixote*, executada, por encomenda da Casa, por Almir de Andrade e Milton Amado, e publicada em edição ilustrada de alto luxo; o Dostoievski completo, traduzido por escritores notáveis e ilustrado por artista consagrados, e que servirá de modelo para o Dickens completo e para toda a ficção de Tolstoi.

Qualquer pessoa que lida com livros reconhece à primeira vista uma edição de José Olympio por certo ar de família. Os da primeira fase, em sua maioria, eram volumes brochados in-16º, brancos, com uma delicada vinha de Santa Rosa no meio e letras desenhadas; os da segunda têm formato in-12º e ostentam as capas em cores de traçado energético de Poty. Houve também outros capistas: Luis Jardim fez a roupa de muitos livros; o famoso Portinari



Março de 1981

DIÁRIO DO CONGRESSO NACIONAL (Seção I)

Terça-feira 24 967

vestiu outros. Os volumes dos *Documentos Brasileiros* aparecem desde o começo graves e austeros, em in-12º branco, sem desenho; os livrinhos da *Collecção Rubayat* (Jóias da poesia universal, reunidas sob este nome devido ao êxito extraordinário da primeira da série, traduzida por Octavio Tarquínio de Souza) vêm enfeitados de moldura multicolor, prontos para presente. Além das capas, a editora em suas séries ilustradas (especialmente o Dostoevski) deu oportunidades excepcionais a outros artistas de renome, como Goeldi, Clóvis Graciano, Manuel Bandeira, Lula Cardoso Ayres.

Os formatos, os caracteres e as capas de José Olympio influíram de tal modo em toda a indústria nacional da edição que atualmente o livro brasileiro possui fisionomia não menos inconfundível do que o francês, o inglês ou o italiano. Uma delas são as duas "orelhas", isto é, as abas dobradas de capa, aproveitadas para informações sobre a obra e o autor. Escritas muitas vezes por colaboradores especializados, às vezes pelo próprio autor, elas não raro contêm elementos preciosos para a compreensão e interpretação.

Não se pense que publicar livros, sobretudo de literatura pura, seja no Brasil uma indústria fácil. Apesar de sua população numerosa, o país contra com um público leitor bastante reduzido. A própria extensão do território nacional, a precariedade dos transportes, as falhas do correio, os impecilhos da importação (quase todo o papel utilizado na indústria do livro vem de fora), a concorrência do livro estrangeiro, o clima em geral quente e úmido que dificulta a conservação dos estoques e facilita a ação destruidora das traças, são alguns dos obstáculos que o editor brasileiro tem de vencer diariamente. Balzac disse que o papel é a mais estranha das mercadorias: limpo, valia um franco o quilo; impresso, passa a valer de fracos ou dez centavos. Esse axioma é de certo muito mais válido no Brasil de hoje do que na França do século passado. Fazer-se o editor da literatura brasileira é empresa que só poderia tentar Dom Quixote: jamais ocorreria a Sancho Pança, nem a qualquer capitalista sem espírito de aventura.

Esse espírito não falta a José Olympio. Haja vista a coragem com que há algum tempo se atirou à venda do livro a prestações. Tendo observado quão poucos leitores entravam nas poucas livrarias em busca de determinado livro, resolveu levar-lhes a mercadoria à casa. Até então só algumas firmas internacionais especializadas em encyclopédias ou livros técnicos se utilizavam dessa modalidade. José Olympio adotou-a para fazer sair enormes estoques de livros de literatura, a que a venda corrente das livrarias não podia dar vazão. Formando séries com volumes de gênero idêntico e dando-lhes encadernação uniforme, obteve logo de princípio resultados excelentes e conquistou novas camadas da população para a literatura. O êxito da operação ampliou as perspectivas da Casa, facilitando a reedição uniforme de obras completas de autores nacionais — José de Alencar e Graciliano Ramos, entre os mortos; José Lins do Rego, Gilberto Amado, Agripino Grieco, etc., entre os vivos.

O êxito alcançado neste setor por José Olympio chamou a atenção dos colegas: atualmente, quase não há editora importante no Brasil que não tenha também seu departamento de venda de livros a crédito.

Outra iniciativa heróica foi o lançamento de volumes maciços de poesia. Esse gênero é, no Brasil como no resto do mundo, de saída difícil: a venda dos maiores livros de poesia só principia normalmente cinqüenta anos após a morte dos autores. J.O. realizou a façanha de assegurar-lhes honorários respeitáveis enquanto vivos. Teve a coragem de pegar toda a obra poética de um Carlos Drummond de Andrade, grande poeta solitário, ainda hoje freqüentemente incomprendido e combatido, e reuniu sua meia dúzia de coletâneas, num único volume compacto in-12º de 560 páginas, de apresentação esplêndida. O impacto foi fulminante: a tiragem se esgotou em poucos meses. Fenômeno idêntico se verificou em relação a outro grande poeta moderno, Manuel Bandeira (400 páginas). Ambas as coletâneas já circulam agora em nova edição e estão sendo seguidas de toda uma série de "tijolos" de poesia. Augusto Frederico Schmidt (800 págs.), João Cabral de Melo Neto (270 págs.), e outros.

A lista dos best-sellers de J.O. é reveladora. Não faltam nela, decerto, romances famosos, estrangeiros (*A Cidadela*, de Cronin) e nacionais (*Floradas na Serra*, de Dinah Silveira de Queiroz; *Presença de Anita*, de Mário Donato); mas vizinham com livros de memórias, como *Memórias do Cárcere*, de Graciliano Ramos, e obras científicas de alto nível, destinadas a uma elite intelectual (como *Casa Grande e Senzala*, de Gilberto Freyre, ou *Alimentação, História e Cultura*, de Silva Melo) e em cujo sucesso, além do excepcional valor intrínseco, forte papel foi desempenhado pelo carinho de editora na apresentação e no lançamento.

Durante muitos anos a Casa manteve uma livraria no próprio coração do Rio de Janeiro, na Rua do Ouvidor: era o ponto de reunião dos escritores e dos artistas. "Com esse colorido da vanguarda não havia outra casa no Rio. Mesmo tendo o hábito de percorrer livrarias, era naquela que o escritor pouava para confrontar suas idéias com as dos confrades, para se sentir, não um

consumidor de livros, mas um ser caracterizado e participante, às voltas com as dúvidas e complicações inerentes à sua natureza imaginativa e hipersensível, e desejo de apoio e comunicação." (Carlos Drummond de Andrade). A monstruosa evolução da metrópole não a poupou. Foi demolido o edifício de 8 andares em que se encontrava, para dar lugar a outro, maior e mais moderno. Enquanto esse não ficar pronto, possibilitando a volta da livraria ao mesmo lugar, a loja só vive na saudade de quantos a conheceram e podem confirmar a apreciação de um de seus habitués mais assíduos, Graciliano Ramos ("o velho Graça"), que, apesar de seu jeito seco e céptico, não soube conter-se ao escrever de seu "ponto" preferido: "Aquila é um mundo!"

Enquanto isso, o escritório do edifício da Bolsa desempenha as múltiplas funções de matriz de uma firma comercial, clube de intelectuais, artistas e políticos, coração de uma literatura. Uma literatura cuja história, como escreveu há muitos anos Genolino Amado, naturalmente se divide em duas partes antes e depois do aparecimento de José Olympio.

Não sei se entre os futuros projetos deste homem ativo e bom figura o descanso, forma de vida de que lhe falta a experiência mais elementar. Que faria ele de suas tardes se não estivesse à sua mesa recebendo originais, selecionando capas, palestrando com seus amigos e, encostado com aparente preguiça, sentindo com todo o ser, aspirando por todos os poros, a atmosfera excitante, febril, inconfundível, da Casa? Que faria delas, sobretudo agora, que à porta do gabinete assomam cada vez mais freqüentemente duas cabeças jovens, as dos filhos Vera Maria e Geraldo, que, aproveitando os instantes livres que lhe deixam os estudos, vão ali impregnar-se de algo tanto mais difícil de definir quanto mais intensamente existe: uma vontade, um espírito, um exemplo?

ARTIGO DA JORNALISTA RACHEL DE QUEIROZ.

IMAGENS DA CASA (nos sessenta e sete anos de J. O.)

BRINDE DE ANIVERSÁRIO

Meu irmão José Olympio fez anos esta semana e, em sinal de protesto, se partiu para Buenos Aires. E para quem o conhece, trata-se de forma realmente heróica, até desesperada, de protesto; pois se há instrumento de transporte que JO abomina, é o avião. Em todos estes já compridos anos em que o conhecemos, só sei de uma façanha aérea sua: aquela memorável viagem ao Ceará, em companhia do Presidente Castello Branco. Mas essa, nós reputamos como ato de bravura em tempo de guerra; e, para nós, José aceitou o desafio como bom soldado castelista a enfrentar fogo inimigo. O medo não entra em linha de conta.

Já agora é ele, mais ou menos sponte sua, que se larga por esses céus platônicos, fugindo a comemorações natalícias. Provavelmente encontra alguma segurança de vôo nas asas dos dois anjos da guarda que o acompanham (e que, desconfio, praticamente o raptaram para a aventura), Daniel e Antônio Olavo. Mais confiança há de sentir nas etéreas asas dos companheiros do que em todas as matemáticas garantias do Boeing em que embarcou.

Seja como for, registre-se o evento, que é memorável; e também se proponha um voto de censura já que a fuga, em si, não tem justificativa. Pois se há neste grande país um homem que possa receber a aliás distante velhice (pelos minhas contas ainda lhe devem faltar uns bons 30% para sair da casa dos sessenta), — se há homem que possa enfrentar as ameaças da velhice de cabeça levantada e coração tranquilo, esse homem é José Olympio Pereira Filho, presidente e alma da Casa Editora que leva o seu nome.

Velhice só é ruim e triste quando a gente, ao começar aquilo que eu chamo "o tempo da contagem regressiva", olhando para trás enxerga apenas cinzas, fracassos ou desenganos. Quando tateia em redor e não sente a presença amorável das grandes afeições, dos fiéis companheiros de viagem. Quando arrisca o olhar para a frente e não descobre a promessa da geração nova, sangue do sangue, a garantir a continuação da tarefa começada.

Mas você, ó volante José Olympio, ó ingrato fugitivo, você pode dizer sem soberba, e até mesmo com uma ponta de honesto orgulho: para trás, para os lados, para a frente, só vê, só sente, motivos de tranquilidade. Um belo caminho semeado de belas obras.

Pouca gente, talvez nenhuma gente, terá dado à inteligência brasileira a mão forte que sempre lhe deu você — e muitas vezes em horas bem difíceis. Eu me lembro, muitos se lembram, daquele apoio e oportunidade que você sabe oferecer, seguro — quando nenhum outro apoio está aparente. Todos conhecem a sua soberana indiferença pelas parcialidades, contracorrentes e curriolas que costumam dividir o meio literário, tão sensível às injunções políticas, sociais, paroquiais e literárias propriamente ditas. E subliterárias também. Os seus processos de escolha são estritamente pessoais e obedecem a critérios que só você domina — e que devem ser muito bons, já que todos se agasalham dentro deles.



Isso a sua obra no terreno subjetivo. No terreno objetivo, no concreto, está aí a lista de títulos — mais de três mil e seiscentos — publicados nestes seus trinta e oito anos de atividade editorial. Está aí a Casa, que é a nossa casa e o seu monumento.

No que diz respeito às afeições, creio que posso declarar sem receio que nenhum homem, neste Brasil, poderá afirmar ter tão grande número de amigos quanto você — salvo talvez cada presidente da República reinante, no seu período de fastígio — mas isso já entra pela área do óbvio ululante. Em matéria de amigos o seu perigo não é o vácuo, é o excesso; é o risco de ver-se sufocado, esmagado do amor de amigos. E talvez esteja aí um pouco de explicação para a fuga buenarina: amor e medo. E olhe que a propósito não falei das afeições familiares suas — irmãs e filhos, netos e sobrinhos; essa parte é amor de foro íntimo, e ingratos seriam eles se não lhe pagassem as demasias que você lhes dá.

Mas a esses irmãos e filhos, netos e sobrinhos tenho que aludir forçosamente ao chegar à última garantia da sua porvindoura velhice — a sobrevivência do seu trabalho. Você soube tirar dessa segunda e terceira geração os seus continuadores fiéis; e nós dois, você e eu, por exemplo, podemos desde já ter a certeza de que o meu neto, a continuar como vai, terá o seu livro de estréia publicado pela Casa, já então na posse pacífica dos seus netos. Ou sobrinhos, que são os netos colaterais.

Crônica publicada em O Jornal, Rio, 14-12-1969.

• SONETO DO POETA ODYLO COSTA FILHO.
SONETO DA CASA

No começo era apenas uma porta,
quando ainda havia a Rua do Ouvidor.
Hoje, tudo mudou, porém que importa?
Vamos pra frente com Nossa Senhor.

Vestido lindo para os quarenta anos
é a casa nova. E as fotos na parede,
dos que a vida balança em seus enganos,
dos que a morte arrastou na sua rede...

Na casa-grande de um Brasil humano
— tão bom! — nada recorda os dias ruins.
Eterna glória a todos os Pereira!

Neste banco sentou-se Graciliano,
ouve-se a gargalhada de Zé Luís,
que saudade de rosa e de Bandeira!

Artigo de Carlos Drummond de Andrade, publicado no *Jornal do Brasil* em 28 de março de 1977:

SIMPLES CATÁLOGO NO ENTANTO...

Arrumar prateleira alta de estante, onde ficam os livros que consultamos pouco, vale pelo reencontro de pessoas conhecidas que a gente não via faz tanto tempo. Pessoas que voltam um tanto empoeiradas do tempo passado longe da gente... Essa brochura de capa colorida, com um desenho em que o jovem casal e sua filha fazem a mesma coisa (lêem tranquilamente, sem qualquer ameaça de televisão), confesso que nem me lembrava dele. É um catálogo de livros. Por que fui guardar catálogos? Simples: mais do que volume de propaganda comercial, é um retrato da literatura brasileira em 1949.

Senão, vejamos. Uma casa editora registra nessas páginas toda a sua produção em cerca de 40 setores bibliográficos, desde a culinária até a religião, passando pela economia, pelas ciências médicas, pelos estudos políticos e pelas narrativas de viagens. No meio de tantos interesses, a literatura não está abafada. Espalha-se nas mais diferentes coleções, em justa proporção do produto nacional com o estrangeiro. Se alguém quiser saber que romances se escreviam no Brasil, Estado por Estado, há 30 anos passados, encontrará nada menos de 19 títulos de autores paulistas, 13 de paraibanos, nove de mineiros, quatro de cearenses, quatro de gaúchos, três de alagoanos, dois de amazonenses, dois de baianos, um de pernambucano. Quer saber o que fizeram os contistas? Ai estão 17 livros de histórias curtas. A poesia, o ensaio histórico, sociológico ou filosófico, todos condignamente representados. E nomes de ilustríssima categoria não faltam. Otávio Tarquínio de Sousa, Oliveira Lima, Gastão Cruls, José Lins do Rego, Gilberto Amado, Álvaro Lins, Gilberto Freyre, mas não vou citar uma verdadeira lista telefônica. Está provada a qualidade.

Sempre é bom lembrar que toda esta massa de criação intelectual brasileira, todo esse esforço cultural, que vai da edição definida da História da Literatura Brasileira, de Silvio Romero, ao Tratado de Direito Internacional Privado, de Pontes de Miranda, se integram num conjunto de informação destinado a cobrir todas as curiosidades e necessidades do leitor brasileiro. O

filósofo Jacques Maritain, traduzido por Afrânio Coutinho, torna explícito Os Direitos do Homem. Helmut Hipperger, em tradução de Raul Lima, oferece receita de bolos e sorvetes à base de café, que Luis Jardim vai ilustrando. Problemas de cultura, instinto e alimentação, quem os debate é o sábio Silva Melo, enquanto Anisio Teixeira nos propõe essa coisa tão necessária, a educação para a democracia. Osvaldo Goeldi dá importante contribuição para o livro ilustrado brasileiro: os romances de Dostoiévski, vertidos para o português, são ornados com suas impressionantes silografuras. Tomás Santa Rosa cria um tipo inesquecível de capa, incorporado à história das artes gráficas no País.

Vou folheando, vou lendo — são 200 páginas atochadas de títulos e temas — e não posso deixar de ver neste desfile de obras uma espécie de Universidade voltada para todos os conhecimentos e apetites da inteligência. O vento da noite sussurra nos versos de Emily Bronte, a vida de André Rebouças é contada por Inácio José Veríssimo, um curso de piloto aéreo comercial atende aos interesses da exploração aérea num Brasil que ainda não se conhece todo e bem. Afonso Arinos de Melo Franco lança um olhar novo sobre a influência do índio brasileiro na tese de Rousseau sobre a bondade natural. Psicanálise, teoria da relatividade, crítica literária, teatro, memorialismo político e social, História do Brasil e Universal, sexualismo, gramática, folclore... precisa dizer mais?

Do catálogo emerge a figura de um homem de 40 e tantos anos, robusto, cheio de mansidão e energia criadora, que encarna em toda a linha e produtor de cultura popular e refinada. Vejo-o agora como antes o via, é um setentão que não se desencantou do livro e de sua missão pessoal. O que lhe devem os brasileiros não se mede em cruzeiros. Chama-se José Olympio, e bem podia trocar seu cartão de visita por este catálogo que, reeditado hoje, teria talvez o dobro de páginas e títulos, de tal modo ele vem acompanhando e estimulando o desenvolvimento brasileiro, de 1949 a 1977. Desenvolvimento que às vezes chega a atropelar até mesmo aqueles que mais se empenham na sua marcha, atingidos por vícios ou deficiências de estrutura nacional. No caso de José Olympio, a imensa folha de serviços prestados a cultura e à instrução do povo basta para colocá-lo em situação ímpar. É uma instituição. Um marco. Nada lhe apagaria o nome e a obra. Como quem sabe ler e entender, verificará folheando uma brochura de três décadas passadas.

ARTIGO PUBLICADO PELO "O GLOBO", EM 11 DE DEZEMBRO DE 1952, POR OCASIÃO DO CINQUENTENÁRIO DE JOSÉ OLIMPPIO.

O MEU AMIGO JOSÉ OLIMPPIO

Quando ainda era um quase menino e já gerente de várias livrarias de São Paulo, José Olympio recebeu de Antônio de Alcântara Machado um livro com esta dedicatória: "A José Olympio, que será um dia o editor dos novos do Brasil". A profecia do admirável Antônio de Alcântara Machado realizou-se em sua amplitude. José Olympio se transformou no maior editor de literatura já aparecido no Brasil. Foi editor de novos e de velhos, conseguindo para a sua casa um prestígio universal. Para tanto conseguir, José Olympio não precisou somente de ser o editor perfeito, o editor que se apaixona pelos livros que faz; transformou-se no amigo que é o mais dedicado amigo que conheço. Ai está o segredo do seu sucesso. O sucesso de um homem que não mede sacrifícios para servir aos outros. Muitas vezes toma-se de tamanha paixão pelas causas dos amigos, como se estivesse numa competição pela própria vida. Homem desta natureza há de ser o mais querido dos homens. É o que acontece com José Olympio. Os seus amigos, desde o Zé Luiz, o esplêndido Zé Luiz, ao ministro Otávio Tarquínio de Sousa, são amigos que o têm na conta de irmão. José Olympio não dá um minuto de trégua às aflições do seu coração. É amigo em todos os instantes, em todas as horas, em todas as circunstâncias. Às vezes parece um furacão da Jamaica. Mas é só parecer. Atrás da fúria está a ternura de quem tem sangue baiano nas veias, a doce ternura do homem de lágrimas que estão à flor dos olhos, como fonte bem em pé de serra. Este é o maior José Olympio. Maior do que o editor que tem sido um gigante na tormenta, o editor de literatura que se projetou nos centros de cultura do mundo, com a sua casa que é o modelo em tudo: na seleção de valores, na honestidade de comércio, no bom gosto da matéria que trata. Conheço-o há vinte anos, tenho-o na conta de amigo de meu peito, sei o que vale este paulista de Batatais. Tem ele os quatrocentos anos dos Junqueiros para a sua autenticidade de antigo sangue bandeirante, mas tempera-lhe os orgulhos de paulista aquela boemia do velho major seu pai, baiano que nunca deixou de ser. Quando vejo o grande editor com os seus planos, com as suas iniciativas fabulosas, rapaz pobre que se projetou no Brasil com a força de um pioneiro, não me posso esquecer do outro, do José Olympio da mesa da Brasileira, das rodas do Hipódromo, cercado de amigos que o amam, que o colocam em ponto alto no grau de afeição. Ai se expande o bom baiano do



Março de 1981

DIÁRIO DO CONGRESSO NACIONAL (Seção I)

Terça-feira 24 969

major, o que não trabalha para ser rico, mas que ama a vida pelas suas expansões de alegria. De quando em vez entristece, fecha-se em nuvens de nevoeiro, e todo ele entra nos pensamentos que doem como feridas abertas. Quando, porém, lhe nasce o dia na alma, o verão da vida dá-lhe aquele fulgor de aurora que o conduz a editar o Quixote, o Dickens, a travar batalhas tremendas com o desconhecido. Vemos, então, o otimista acreditando no Brasil, acreditando nos livros que faz, com a alegria do pai que em cada filho descobre uma revelação de Deus.

EDITORIAL DE AUTORIA DE GILBERTO FREYRE,
PUBLICADO NA REVISTA "O CRUZEIRO", EM 16 DE JUNHO DE 1956.

25 ANOS DE ATIVIDADE EDITORIAL

A fraterna amizade que há anos me prende ao editor José Olympio Pereira não deve impedir-me de juntar o meu aplauso às várias homenagens que ele vem recebendo pelo 25º aniversário da sua atividade editorial. Quem diz José Olympio não diz apenas um indivíduo, mas uma instituição. Quem diz Editora José Olympio não diz apenas um estabelecimento comercial, mas uma força, um ânimo, um espírito, há anos inseparável da cultura brasileira. Mais do que isto, José Olympio é um exemplo de que a iniciativa particular pode tornar-se tão nacional, tão pública, tão esplendidamente superior ao simples interesse privado quanto um ministério ou um serviço, dos que existem oficial e ostensivamente para atender às necessidades de um povo neste ou naquele setor. Ministrar quer dizer servir; e neste nobre sentido, José Olympio vem sendo um dos melhores ministros que a chamada, República das Letras tem há 25 anos a seu serviço no Brasil. Sua atividade editorial desde os seus começos vem se destacando da pura atividade comercial para elevar-se a serviço público; para assumir dignidade ministerial; para concorrer para o bem do Brasil e para o desenvolvimento da cultura brasileira com uma série de esforços organizados e sistemáticos que tornam a constelação dos Irmãos Pereira um grupo raro de benemeritos. Porque José Olympio contagiou a todos os seus irmãos com o seu exemplo; e hoje os Pereira formam no Brasil uma constelação editorial que até no estrangeiro é conhecida pela coesão do seu ânimo fraternal e pelo vigor do seu espírito público. Agem todos como se fossem um só. Animados dos mesmos propósitos. Fiéis ao mesmo programa. E esse programa, traçado por José Olympio, quando ainda moço e romântico, vem sendo o de servir a "Casa" à cultura brasileira menos como uma empresa particular, ávida de lucros, que como um ministério, à serviço de um interesse ou de uma causa nacional.

ARTIGO DE TRISTÃO DE ATAYDE, PUBLICADO NO
"JORNAL DO BRASIL".

O DUQUE DE OLINDA

Tristão de Atayde

Para quem dá valor às palavras, e de modo particular às qualificativas, é sempre com muita hesitação que nos permitimos aplicar algumas. Bom, está bem. Melhor, vá lá. Mas, ótimo ou sobretudo o maior? Acodem sempre as comparações. Os outros. A relatividade dos valores humanos. A contingência dos juízos subjetivos. A lição do *understatement* britânico, segundo o escritor espanhol Julio Alcarce: "Quando nós dizemos de alguém" que es un genio *imortal*, os ingleses o qualificam de *distinguished scholar*... E basta. Mas bastará para o maior dos nossos livreiros? E, para que não dizer, dos nossos livros? Resolveu ele encerrar o ano de 1972, lembrando-se de que também nasceu em 1902, como tantos outros brasileiros ilustres, com a literatura brasileira do século XX. Com ele, porém, não tenho a menor dúvida de empregar o comparativo máximo no seu território humano: é o maior editor que até hoje teve a nossa literatura. E dificilmente será desbanhado dessa incômoda posição singular, pelos seus sucessores.

Sua posição no século XX se apresenta em sentido diametralmente oposto à do nosso maior editor do século XIX. Dizia-se, com razão, que a Casa Garnier passou a vida explorando os escritores brasileiros. No século XXI que, no século XX, se inverteram as posições. E se não foram os escritores brasileiros que exploraram o maior dos nossos editores, é que, na mansão olímpica, encontraram sempre uma lareira e uma família. Nunca um explorador da pena. E muito menos das penas alheias. Dispense-me de repetir as cifras alucinantes de edições (média anual: 100 títulos novos) promovidas por esse homem providencial, que o maior dos seus editados (reitero o pecado latino, sem remorso...) alinhou no aniversário do patriarca bibliográfico de Marquês de Olinda. Assim como outras informações revelaram, então, para quem as desconhecia, as acrobacias impressionantes e arriscadas, que elevaram o menino paupéríssimo de Batatais (que olhava com inveja a bicicleta do companheiro José Frederico Marques, único da turma de madrugadores imberbes, da então remota vila paulistana, a possuir tão avançado engenho de

progresso) à posição singular que hoje ocupa no alto de nossa vida cultural contemporânea.

A maioria dos provincianos pobres, que conquistam as grandes capitais, fazem-no geralmente a golpes de cotoveladas. Ou fechando cuidadosamente o coração. Deixando-o em casa, como dizia um conde milionário a meu pai, quando foi interceder, junto dele, por um ex-colega comum então em dificuldades financeiras, e cuja residência lhe fora hipotecada. A vida em São Paulo e no Rio, do menino pobre de Batatais, foi marcada exatamente pelo procedimento oposto. Quando se fizer a história secreta do nosso José Olympio, o que não se sabe excederá de muito o que já se sabe. Foi sempre dando que recebeu. Foi sempre perdendo que ganhou. Foi sempre ajudando que venceu. Mas, tudo isso, com muita cautela e também muita prudência. Cautela no cuidado de nunca dar murros em faca de ponta e de sempre estar de bem com os de cima. Como vêem não estou fazendo uma apologia, mas um retrato realista de uma criatura humana que passou, por si mesma, do nada ao tudo, e não de uma estátua de museu de cera. A única cera dessa figura humaníssima, de muita carne e pouco osso, é a do seu coração. Imprudência, por outro lado, ao que dizem, no modo de administrar seus próprios bens. Será o lado noturno desse astro luminoso de nossas letras.

Mas o segredo do que representa aquela casa envidraçada da Rua Marquês de Olinda, para nossa literatura contemporânea, é precisamente ser uma encruzilhada, um pique, uma praça aberta à inteligência e à liberdade, por onde circulam escritores ou escreventes de tendências afins ou contraditórias, num sadio pluralismo e respeito recíproco, que será um verdadeiro modelo, até mesmo para a nossa vida pública, hoje, desgraçadamente em situação diametralmente oposta. Pois a grande virtude dos *olímpicos* é, precisamente, representarem um oásis, um refúgio, um alívio e afinal uma grande lição para todos nós, editados ou não por esse setentão, que só nos devemos arrepender, como ora o faço, de não respirar com mais freqüência o ar oxigenado que enche os nossos pulmões, e purifica a nossa inteligência, naquela Tijuca urbana do melhor convívio humano.

CRÔNICA DO JORNALISTA JOSÉ EDUARDO DE MACEÇO SOARES, DE 15-6-54, PUBLICADA NO DIÁRIO CARIOCA.

A FORÇA DA VOCAÇÃO

Por ocasião da reedição de duas obras capitais na história da nossa literatura, podemos lançar um golpe de vista panorâmico sobre o extraordinário labor e a enorme confiança na cultura brasileira do editor José Olympio, que à sua expansão e progresso dedicou a vida inteira.

Neste País pode-se triunfar em muitas carreiras e pode-se ganhar fortunas no comércio, na indústria e em certas lavouras em cujo trato levamos vantagem na concorrência internacional. Mesmo na ciência poderemos abrir o nosso caminho tirando proveito de suas aplicações. Mas no domínio das letras e das artes, pareceria rematada temeridade empenhar-se alguém a fundo, a seu serviço, num país que, exatamente pela facilidade de remuneração, abre as portas do êxito a toda atividade prática.

A Coleção Documentos Brasileiros reúne mais de oitenta volumes, na maior parte valiosos e interessantes. Dirigida por Gilberto Freyre até o dezessete, seguiu sob a direção de Otávio Tarquínio de Sousa daí por diante. Nessa coleção apareceram, de Silvio Romero, a História da Literatura Brasileira e, agora, em três volumes, o Folclore Brasileiro, bem como a obra de José Veríssimo, também agora reeditada numa excelente apresentação. Nenhum outro editor se abalançaria a empreendimento de tanto vulto e ao mesmo tempo de tanto risco.

José Olympio Pereira Filho nasceu em Batatais, numa zona que então confinava com sertão paulista. Até aos quinze anos limitava suas esperanças ao pequeno trato comerciário atrás do balcão de uma farmácia ou de um boatequim. Mas a Providência sabe os caminhos de seus designios e, talvez por isso facultou ao Sr. Altino Arantes a apresentação de sua candidatura ao Governo do Estado, certa de que essa seria a oportunidade do caixearinho de Batatais. De fato, Altino Arantes era o amigo da modesta família de José Olympio e não demorou a trazê-lo para a Paulicéia a tentar a sorte.

Empregado na famosa Casa Garraux, livraria e, ao mesmo tempo, casa de negócio de artigos finos importados da Inglaterra ou da França, não tardou muito que José Olympio encontrasse os verdadeiros rumos de sua vocação. O que o empolgava era a livraria, entre cujas estantes ganhou a prática, o conhecimento e a confiança para seguir a carreira que o esperava.

Quando em 1930 desapareceu dentre os vivos uma das figuras mais interessantes do estudo e da erudição em São Paulo, o Sr. Alfredo Pujol — grande bibliófilo colecionador de livros antigos e de encadernações raras — José Olympio viu que chegara a sua oportunidade. O menino de Batatais, negociante de amendoim torrado, abalancava-se a adquirir uma grande biblioteca



para criar o seu fundo de comércio, já então no Rio de Janeiro, cujas possibilidades de negócio pareciam-lhe sedutoras.

O advogado do espólio era o Sr. Benedito Galvão, homem de cor e de modesta origem, por isso mesmo benévolos e confiante nas empresas dos moços. José Olympio obteve de alguns clientes da Casa Garraux pequenas contribuições para pagar os oitenta contos da prestação inicial. O Sr. José Carlos de Macedo Soares foi o fiador dos pagamentos restantes, que, aliás, se consumaram rapidamente, instalada a livraria no 110 da Rua do Ouvidor, onde segue triunfante.

Numa publicação recente, o príncipe dos nossos cronistas, o Sr. Rubem Braga, fez um rápido balanço da prosperidade de José Olympio na sua Casa Editora. Em 1954 o grande livreiro espalha suas Agências por todo o Brasil; congrega 350 auxiliares, quando empregava apenas meia dúzia em 1934, na hora da mudança para a Rua do Ouvidor. Hoje, José Olympio já conta pelos dedos os seus lances de audácia e não oculta a fortaleza de ânimo com que encarava a aventura. Mais de noventa por cento dos escritores brasileiros são editados pelo livreiro de Batatais. Suas coleções reúnem quase todo o fruto da inteligência e do conhecimento dos brasileiros.

Assim, a vida de José Olympio oferece um belo exemplo do esforço corrado de êxito. Mostra aos moços um caminho direito, uma estrada larga, uma atitude feliz de honradez e trabalho. Esses exemplos não se perdem nas confusões e nos abalos das crises morais, dos povos que podem assaltar as gerações de moços, mas não escravizá-las na desilusão e no abandono.

CONDECORAÇÃO NO GRAU DE OFICIAL — ORDEM NACIONAL DO MÉRITO

Aprovada por unanimidade.
Rio, 2 de agosto de 1956
Aníbal Freire

Senhor Presidente e Eminente Chanceler:

Tenho a honra e o prazer de propor a Vossa Excelência e aos Excelentíssimos Senhores Membros do Conselho da Comissão da Ordem Nacional do Mérito o nome do editor José Olympio Pereira Filho para ser agraciado e condecorado no grau de oficial.

A Livraria José Olympio Editora — ou melhor, a Casa José Olympio — está comemorando este ano o 25º aniversário de sua fundação. São vinte e cinco anos consagrados à difusão do livro no Brasil, de um modo verdadeiramente notável. Foi José Olympio — e continua sendo — o lançador de todos os grandes nomes da cultura brasileira nesse meio quartel de século. E o fez sempre com espírito por assim dizer patriótico, pois a sua empresa tem um caráter mais cultural do que industrial ou comercial. A Casa José Olympio representa hoje o mesmo papel que a Casa Garnier representou pela altura de 1900. E estamos certos de que na história literária o nome de José Olympio e da sua Casa ocuparão um espaço ainda mais amplo, mais importante e mais significativo do que o da casa Garnier.

Nascido em Batatais, Estado de São Paulo, em 1902, iniciou-se José Olympio no comércio dos livros na antiga Casa Garraux, de São Paulo, transferindo-se para o Rio, em 1931, quando fundou a Livraria José Olympio Editora, iniciando a série de publicações — que atinge hoje a mais de dois mil títulos, sendo a grande maioria de autores nacionais.

É essa obra benemérita que visamos premiar, conferindo ao admirável editor a Ordem Nacional do Mérito, criada para premiar, com as condecorações, os trabalhos e as vidas dos beneméritos e servidores desinteressados do seu País. E este é, precisamente, o caso do editor José Olympio.

Rio de Janeiro, 2 de agosto de 1956. — Álvaro Lins.

CRÔNICA PUBLICADA NO "CORREIO DA MANHÃ"

DE 29-11-56.

IMAGENS DA CASA (no Jubileu de Prata)

J. O. E O SONHO

Carlos Drummond de Andrade

Recomendou o poeta: "Quando ante Deus vos mostrardes, tereis um livro na mão". Para J. O. e seus manos, será impossível cumprir a indicação de Castro Alves: como fazer para empunhar, não alguns, mas 8 milhões de exemplares, e isso por enquanto, pois eles continuam produzindo a mancheias? J. O., com seu jeito manso e lento, explicará: "A Casa pede desculpas, mas o Brasil estava precisando de ler, e tivemos de trabalhar um pouco mais do que o habitual. Escolhi, Senhor, o livro que devemos portar: temos romancistas, ensaístas, poetas, historiadores, contadores de fábulas para crianças, obras que educam e obras que consolam". E Deus responderá, num clarão: "Entra, J. O., e entrem vocês, irmãos, primos e cunhados de J. O. Esta família me é cara, não apenas porque divulgue as lições de Padre Negromonte, que leva com habilidade minha palavra aos tempos modernos, mas porque

todo o seu trabalho é bom e deve o justo regozijar-se com a fábrica de seu espírito e de suas mãos".

Isso daqui a muitos sóis, não haja pressa. No momento, celebra-se apenas o primeiro quarto de século da editora e livraria que ficaram sendo um bem do Brasil, caso para tombamento cívico. Em 1931, no auge da crise econômica e política nacional, um moço de Batatais abria sua lojinha na Rua da Quitanda, 19-A, em São Paulo, com livros comprados ao acervo de Alfredo Pujol (e os móveis do escritor são ainda conservados como relíquia); pouco depois, metia-se a publicar a tradução de um livrinho de J. Ralph, *Conhece-te pela Psicanálise*; três anos mais tarde, transferia-se para o Rio, Ouvidor, 110. O resto, toda gente sabe. Sabe o que ficou sendo aquele ponto na vida literária do país; e sabe o que são as edições de José Olympio, quase duas mil até esta data, mais da metade constituída de obras nacionais. Esta foi a grande novidade da Casa: descobrir o autor brasileiro, sem lei nenhuma que a obrigasse a isso, como hoje se faz para criar à força cinema e teatro nacionais; foi tirar esse escritor da solidão em que se achava, dar-lhe ambiente e público; dar-lhe sobretudo compreensão, estabelecendo relações de cordialidade acima das relações comerciais. Não quero dizer que antes de J. O. não houvesse estima entre editores e editados; mas essa estima ficou sendo o traço distintivo da Casa, que tem um sentido humano tanto quanto um sentido cultural, e mostra como é possível dar, a um negócio, coloração de sentimento. A Casa poderia ter publicado todos os livros que publicou, ser próspera, forte, prestigiosa, e não ser amada. É.

Imagino esse obscuro começo de criação, nos idos de 31. Quem, àquela época, pensaria em fazer uma revolução editorial? A revolução política se mearia ressentimento e incompreensão. Tudo era incerto e perigoso. J. O., cos-truindo no ar, começou por ignorar a divisão dos espíritos. Tinha talento, algo interessante a dizer? Ele editava. Seu catálogo só não é a Torre de Babel porque é antes uma demonstração de convivência das idéias no Brasil. E um roteiro a consultar para o inventário das tendências de vanguarda em nossa literatura. Como já foi dito tantas vezes, não há entre nós geração, movimento, grupo ou "lobo da estepe", portador de um modo novo de ver as coisas ou exprimi-las, que não esteja representado em suas coleções.

Àquele tempo, o que viria a ser o estado-maior de J. O. ainda engatinhava: Daniel Pereira era um adolescente de 17 anos. Antônio Olavo estava com 18. Moacir com 20. Athos era um menino de 13. Flávio um garoto de 5. Hoje, esses homens, formados por J. O., são dos que mais sabem a arte de fazer um livro e levá-lo a comunicar-se com o leitor. O amor à tarefa bem feita, a consciência do caráter da empresa animam a equipe familiar.

Instalado em seu belo escritório novo, ali no Castelo, J. O. aguarda a reconstrução da livraria, no mesmo antigo e necessário lugar, e se apressa para construir a sede administrativa, que será em sua linguagem, "a casa da Casa". Mas nós sabemos que a Casa não é apenas uma forma no espaço, uma organização. É algo que José Olympio dividiu em seus sonhos de moço; algo que existia no coração, antes de projetar-se na vida brasileira, e que ali continua a existir.

ARTIGO DE JOSUÉ MONTELLO.

60 ANOS A SERVIÇO DA CULTURA

Josué Montello

Quando entreabro a porta de seu gabinete de trabalho e não o vejo, sinto em redor mais silêncio na casa. Quando dou com ele, vou ao seu encontro com a impressão de que a simples presença de José Olympio tem o dom de animar a editora que ele fundou com a sua juventude, a sua operosidade e a sua confiança no Brasil. E é verdade. A Casa é outra, sempre que ele ali está, instalado na sua cadeira, de ouvido atento ao que se passa no mundo.

Carlos Drummond de Andrade, há pouco mais de um mês, neste jornal, chamou a atenção do país para o fato de que está fazendo 60 anos que José Olympio se consagra ao livro.

Entretanto ainda não houve festas à sua volta. O grande lutador permanece no seu posto. É o admirável comandante, fiel a seu barco, e que só distrai com os pequenos passeios ao castelo de proa, para olhar dali as ondas de mar alto.

Aos 16 anos, em 1918, na velha Casa Garraux em São Paulo, começou ele a sua caminhada. Poderia ter sido bacharel em Direito, como toda gente. Mas preferiu comfundir o seu destino com o destino dos livros. A princípio, como livreiro; logo depois, como editor. Daria livros ao Brasil, continuadamente, porfiadamente. Que eu saiba, tirando o Rio e São Paulo, só duas outras cidades o conhecem: Recife e Brasília.

Por isso, enquanto seus amigos e editados se movem pelo mundo, José Olympio continua à sua mesa, rodeado de capas, cercado de livros.

Olhando-lhe a figura plácida, somos inclinados a imaginar que José Olympio, nas seis décadas transcorridas a serviço do livro brasileiro, se limitou a deixar correr o largo rio das páginas impressas, à margem da corrente.



É pura ilusão. Ele está dentro das águas revoltas, com a sua tenacidade, o seu patriotismo e o seu destemor.

Acima das facções, no plano das idéias políticas, religiosas, sociais e literárias, José Olympio fez de sua editora um espelho do Brasil, na diversidade de opiniões e de tendências dos livros que publicou. Nunca se colocou a serviço de um grupo. Lançou nas livrarias as correntes mais antagônicas, para que a nação encontrasse os seus próprios caminhos; à hora das opções históricas. Estou vendo Gustavo Barroso, alto, robusto, passo marcial, a sair da Livraria José Olympio, em plena Rua do Ouvidor, no período renhido da campanha integralista, sobraçando uma de suas obras políticas. *O Quarto Império*, que a Casa editara.

Mas também me recordo com nitidez da primeira edição de *Angústia*, de Graciliano Ramos, na vitrina da editora. José Olympio lançara o romance no período em que o romancista se achava na Casa de Detenção, depois de ter sido humilhado e torturado na Colônia Correcional da Ilha Grande — sem crime nem processo.

Graciliano, nas *Memórias do Cárcere*, contaria que, antes de ser transferido para a Colônia Correcional, José Olympio lhe mandará um recado, ainda na Casa de Detenção, oferecendo-se para publicar-lhe o romance, além de lhe propor um adiantamento por conta de seus direitos autorais: "Meses atrás — depõe o romancista, no livro de reminiscência da cadeia — José Olympio me falara da edição em cartas, e eu lhe respondera que ele não vendia 100 exemplares. Admirava-me a insistência, em momento de perseguição, quando o aparecimento da história poderia causar prejuízos e aborrecimentos ao livreiro."

O gesto de José Olympio definia o homem. Enquanto quase toda gente se retraía, medrosa, intimidade, ele estendia a mão firme ao escritor, para sair de público com ele na capa de um novo livro. Hoje, quando José Olympio só na sua sala, a segurar os óculos pensativamente, é natural que repasse o seu caminho, à maneira dos comandantes que recordam as suas batalhas mais renhidas. O momento é adequado a essa volta a si mesmo atiçando lembranças. Cada um de nós traz consigo a sua canção de exílio — que Gonçalves Dias escreveu aos 20 anos — com a condição de lhe dar o desfecho que lhe deu o poeta: a esperança.

Não sei se José Olympio associa a esse avivar de reminiscências a competência da alegria que deu aos outros. Nunca me esqueço das emoções que ele me proporcionou, todas as vezes que me entregou um novo livro, editado na sua casa. Nessas horas, o editor é um companheiro, que comparte conosco a aventura de um novo destino. Tem no rosto aquele júbilo do médico que mostra ao pai a criança que acabou de nascer.

Basta que ele conte a centenas de livros brasileiros que incansavelmente editou, ao longo de sua vida consagrada à cultura, para identificar em cada volume ali peruílado o contentamento que deu a um poeta, a um romancista, a um crítico, a um ensaísta, a um historiador, a um novelista, a um teatrólogo. Esse contentamento, difícil de definir, é que leva o autor a debruçar-se sobre o seu texto impresso, com a generosa ilusão de que talvez haja superado a limitação da própria vida.

O editor francês Robert Laffont, no livro em que resumiu as experiências de sua profissão, *Editeur* (Laffond, Paris, 1974), narra que, no começo da vida, ao confessar a um amigo, Guy Schoeller, então à frente da sucursal da Hachette em Marselha, o seu propósito de dedicar-se a publicação de livros, ou a realização de filmes, dele ouviu esta observação: "Meu pobre amigo, você está seduzido pelos dois caminhos que conduzem à ruína: o cinema e a edição. O primeiro, sem dúvida alguma, é o mais rápido, e o segundo, mais requintado."

Acrecenta Robert Laffont que as palavras do amigo, longe de desencorajá-lo, o estimularam, e aceitou-lhe o desafio, tornando-se editor. É que ele trazia consigo a vocação irreprimível.

Hoje, se perguntássemos a José Olympio, numa de suas horas reflexivas, o que ele gostaria de ser, se lhe fosse dado recomeçar a vida, estou certo de que responderia, na mesma voz serena, segurando a haste dos óculos:

— Editor.

E com a lição de tudo quanto fez, poderia acrescentar:

— Para servir à cultura brasileira com o mesmo entusiasmo, a mesma confiança e a mesma dedicação. Porque uma nação — como disse Monteiro Lobato, na frase que serve de epígrafe à minha casa e à minha vida — se faz com homens e livros.

E livros que também fazem os homens.

Artigo de Josué Montello.

JOSÉ OLIMPPIO — 30 MILHÕES DE LIVROS PARA O BRASIL

Há quarenta e dois anos José Olympio conquistou uma posição de indiscutível relevo, na cultura brasileira, como editor, e dessa posição não se afastou. Pelo contrário: ao longo desses muitos anos de trabalho contínuo, sem-

pre a serviço das letras nacionais, só fez aprimorar o seu grande nome, com uma obra que o credencia ao respeito e à admiração de todos nós.

Sabe-se que, na origem de toda vocação, há um exemplo. No caso de José Olympio as circunstâncias puderam mais que o primeiro impulso de sua personalidade. Ele queria trabalhar no comércio para poder formar-se em Direito. E quando saiu de Batatais, sua terra natal, amparado pelo Dr. Altino Arantes, presidente do estado e seu padrinho de crisma, era esse o propósito que o animava.

Lembra-nos Francisco de Assis Barbosa, no prefácio à *Bibliographie Brésilienne*, de A. L. Garraux, que José Olympio pretendia, com o amparo do padrinho, na sua mudança para a capital do estado, trabalhar na firma Araújo Costa, atacadista de armários, louvado no que, dessa firma, e dizia em Batatais — que dava quarto e comida aos seus empregados.

O Presidente Altino Arantes, entretanto, tinha-lhe arranjado coisa melhor: em vez de um emprego na firma Araújo Costa, um lugar de futuro, com 30.000 réis mensais, na Casa Garraux.

A Casa Garraux vendia fazendas, bijuterias, instrumentos de engenharia, artigos para bilhar, charutos, inseticidas, rapés, tudo importado. Diz-nos ainda Francisco de Assis Barbosa que "a seção de livros ocupava o espaço dessa máquina heterogênea, criada por Anatole Louis Garraux para civilizar São Paulo". E é aí que José Olympio vai encontrar, favorecido pelas circunstâncias e por sua dedicação firme ao trabalho, o caminho de sua verdadeira vocação — daquela que o colocará, andando o tempo, entre os primeiros editores do país.

Em 1926, já ele não é apenas um empregado como os outros, na Casa Garraux. Passou à condição de novo gerente da seção de livros. E como a Casa Garraux, na sua seção de livros, é ponto de visita habitual das grandes figuras da cultura paulista, ali começa também, para José Olympio, a formação do fabuloso pecúlio de grandes amizades, que nunca deixou de crescer ao longo da vida benemerita do grande editor.

Em 1930, morre em São Paulo Alfredo Pujol, escritor ilustre, primeiro grande biógrafo de Machado de Assis, membro da Academia Brasileira de Letras, e bibliófilo. Em sua casa, reunira as maiores raridades bibliográficas, e todos os seus livros eram primorosamente encadernados. Na legenda de seu *ex libris*, dizia Pujol que os livros nos consolam das amarguras da vida.

Com a morte do bibliófilo, não tem a família quem o suceda no gosto e no cuidado dos seus livros. E a preciosa biblioteca, com alguns exemplares únicos, quase toda encadernada em Paris, éposta à venda por 150 contos. José Olympio, ainda na Casa Garraux, pensa em comprá-la. Mas como, se não tem recursos? É então que põe à prova, pela primeira vez na sua vida de homem feito, o pecúlio das amizades que acumulou vendendo livros. Os amigos se oferecem para ajudá-lo abrindo-lhe o crédito de que necessita, entre eles José Carlos de Macedo Soares, futuro embaixador, ministro de Estado, membro da Academia, interventor de São Paulo.

Assim apareceu a Livraria José Olympio Editora, que dois ou três anos depois se instalaria no Rio de Janeiro, à Rua do Ouvidor, 110, quase na esquina da Avenida Rio Branco, e que seria em breve o ponto de reunião obrigatório de escritores e artistas, na então Capital da República. A biblioteca de Alfredo Pujol serviu-lhe de núcleo inicial, a que prontamente se associaram os novos livros brasileiros, principalmente aqueles que dariam a irradiarem pelo resto do Brasil, levando o nome da nova editora.

Uma das figuras mais importantes do modernismo brasileiro, Antônio de Alcântara Machado, havia vaticinado, em 1928, na dedicatória de um livro, o destino de José Olympio, ao afirmar que seria ele o "futuro editor do modernismo brasileiro".

A livraria ficava na Rua do Ouvidor, mas o escritório da editora era no edifício da Bolsa, na Praça 15. Era no escritório que se falava com José Olympio. Na livraria quem atendia era o Castilho, figura popular da Casa, tão popular quanto o velho Adão, o outro lado da rua, na Portaria do Jornal do Comércio, e que guardava embrulhos e recebia recados. Na livraria, a porta central, ladeada por duas vitrinas, conduzia ao fundo da loja, entre alas de estantes, até um pequeno banco, onde, por volta das 11 horas, estava sentado o romancista Graciliano Ramos, a fumar seu cigarrinho Selma.

Ali permaneceu a editora até que o prédio veio abaixo, para dar lugar a um banco, e pouco depois passava para a sua sede própria, muito bem instalada, na Rua Marquês de Olinda, 12, em Botafogo.

Não se poderá fazer a história cultural da cidade, durante mais de duas décadas, sem aludir à livraria José Olympio, na Rua do Ouvidor. Era ali, realmente, o ponto central da vida literária carioca. Ocupar as vitrinas da livraria, no lançamento de um novo livro, era o sonho de todos os escritores, novos e velhos, pois essa apresentação pública valia por uma consagração.

A liderança que José Olympio exercia como editor, no seu escritório da Praça 15, vinha-se refletir na livraria, na Rua do Ouvidor, onde se reuniam os seus editados: José Lins do Rego, Raquel de Queirós, Peregrino Júnior,



Amando Fontes, Otávio Tarquínio de Sousa, Marques Rebelo, Dinah Silveira de Queirós, Nélia Reis, Lúcio Cardoso, Otávio de Faria, Luis Jardim, Gilberto Freire, Afonso Arinos de Melo Franco, Jorge Amado, Osório Borba, Eneida, Álvaro Lins...

Também as grandes figuras políticas, que ocupavam as manchetes dos jornais, lá iam ter, ao fim do trabalho da Câmara e do Senado. Depois, quando o Congresso foi fechado, com o golpe de 10 de novembro de 1937, a livraria não perdeu a sua força, como ponto de aglutinação urbana, sempre sob a égide de José Olympio, que pouco aparecia na livraria, mas estava sempre na editora, no exercício de sua liderança crescente. Saía-se da livraria, ia-se à editora se completavam as murmurações de ordem política e social que circulavam na cidade. Uma novidade, antes de aparecer nos jornais; era comentada nos dois ponto da José Olympio, a editora e a livraria. Ao tempo da ditadura, quando a censura à imprensa e ao rádio filtrava as notícias; muita coisa só se sabia pelas conversas da Livraria José Olympio.

Tendo começado as suas atividades editoriais em 1932, com uma tradução do livro de J. Ralph, *Conhece-te Pela Psicanálise*, José Olympio deixou sentir, nesse mesmo ano, a variedade de rumos que iria seguir. Lançou dois depoimentos políticos, ligados à Revolução Constitucionalista de São Paulo: *A Salada Capela*, de Vivaldo Coaraci, e *Itararé! Itararé!*, de Honório de Silos. Fez-se o editor de Humberto de Campos, que era ao tempo o mais popular escritor brasileiro, lançando dois livros de mestre maranhense: *Os Párias* (crônicas) e a primeira parte da *Memórias*. Reeditou a *Ronda dos Séculos*, de Gustavo Barroso, e lançou de Francisco Nitti *Problemas Contemporâneos* (sociologia, economia, política).

Ao fim de quarenta e dois anos de trabalho, José Olympio repassa o caminho percorrido como editor e pode dizer, com desvanecimento, que saíram de sua casa, para a fome de cultura do Brasil, mais de trinta milhões de livros, compreendendo 1.294 obras nacionais e 537 estrangeiras. Ele incorporou ao seu acervo editorial os autores que trouxeram do Nordeste para o Brasil uma nova forma de escrever romance, como José Américo de Almeida, Graciliano Ramos, José Lins do Rego, Jorge Amado, Raquel de Queirós e Armando Fontes. Um grande crítico: Alceu Amoroso Lima. Outro grande crítico: Álvaro Lins. Um mestre da história brasileira: Otávio Tarquínio de Sousa. Outro grande mestre: Pedro Calmon. O grande renovador dos estudos brasileiros, com uma nova forma bem brasileira de escrever a língua portuguesa: Gilberto Freire.

Bastaria a Coleção Documentos Brasileiros, primitivamente dirigida por Gilberto Freire e Otávio Tarquínio de Sousa, hoje entregue a Afonso Arinos, para dar a José Olympio, como editor, uma posição de destaque, como um dos beneméritos de nossa cultura. Ele propiciou, com o seu espírito de iniciativa, voltado para os interesses nacionais, uma biblioteca inteira de obras fundamentais sobre o Brasil, nos 162 títulos que já alcançou a coleção.

Atento aos caminhos que o mundo poderia seguir, José Olympio pôs ao alcance dos brasileiros, através de seus planos editoriais, algumas das grandes obras polêmicas de nosso tempo, na ordem dos estudos políticos — sem deixar de atender à difusão de movimentos locais, como o da pregação integralista, cujas obras básicas foram por ele publicadas, na fase mais renhida da campanha.

Foi o editor de Getúlio Vargas, de quem lançou os sucessivos volumes da *Nova Política do Brasil*, como vai ser este ano o editor da grande biografia do Presidente Castello Branco, na fase correspondente ao seu governo revolucionário, e escrita por Luiz Viana Filho.

Assim como foi o editor do romance nordestino, José Olympio abriu espaço na sua casa para as obras de Lúcio Cardoso, Ciro dos Anjos, Otávio de Faria e Cornélio Pena, mestres na sombria penetração da alma humana e senhores de uma nova técnica de elaboração romanesca.

Quando surgiu Guimarães Rosa, logo José Olympio o incorporou à sua editora. Por isso, quando o mestre de *Sagarana* se voltou para o vasto mural definitivo de *Grande Sertão: Veredas*, prontamente engonhou José Olympio para lhe dar a mão, ajudando-o a abrir seu novo caminho.

Editor de Manuel Bandeira, de Cecília Meireles, de Murilo Mendes, de Cassiano Ricardo, de Ribeiro Couto, de Augusto Frederico Schmidt, de Abgar Reunalt, de Emílio Moura, desvanece-se José Olympio de ser editor de Carlos Drummond de Andrade, que para ele escreveu, ao fim de 1953, este *Soneto Inglês*, na passagem do ano:

"Que coisa é o livro? que contém na sua / frágil arquitetura transparente? / São palavras apenas, ou é a sua exposição de uma alma confidente? / De que lenho brotou? que nobre instinto / da prensa fez surgir essa obra de arte / que vive junto a nós, sente o que eu sinto, e vaiclareando o mundo em toda parte? / Meu caro José Olympio, sé louvado/pelos livros que o tempo vai guardando,/ nascidos de teu sonho no passado./ pois cada ao tempo irá lembrando / o que a vida de um homem pode ser/ quando ele sabe amar e compreender."

A pequena livraria de 1931, com sede própria na Rua Marquês de Olinda, em Botafogo, no Rio de Janeiro, estende-se por várias filiais, em São Paulo, no Recife, em Belo Horizonte, em Porto Alegre, em Brasília, em Salvador e em Curitiba, além de várias agências de venda espalhadas pelo país.

Obra individual na sua origem, a livraria José Olympio Editora atraiu para o trabalho da mesma seara os três irmãos de seu fundador, Daniel, Atos e Antônio Olavo (este último também excelente escritor), além de Geraldo Pereira, seu filho, que vai trazendo à casa o espírito empresarial dos novos tempos e da sua geração.

É natural que, expandindo-se cada dia no sentido de maior e melhor atendimento da cultura brasileira, a Livraria José Olympio Editora esteja neste momento interessada, a exemplo do que ocorre com as grandes editoras de renome internacional, numa participação externa, que lhe ampliará os recursos de ordem financeira, ao mesmo tempo que abrirá caminho internacional às obras brasileiras, lançadas sob a sua chancela editorial.

De qualquer forma, é o próprio criador da Casa quem tranquiliza o Brasil: essa participação nunca será de tal ordem que se possa superpôr à sua estrutura essencialmente brasileira, representada pelo interesse cultural brasileiro que inspirou José Olympio à hora de suas origens como editor e tem sido, ao longo do tempo, a fonte de expansão e de desenvolvimento da empresa que soube criar.

Foi Gilberto Freyre quem melhor definiu, para mim, a obra da Editora José Olympio, quando nela reconheceu, não uma empresa particular, ávida de lucros, mas uma espécie de ministério, a serviço dos altos interesses públicos ou das grandes causas nacionais.

O SR. LUIZ ROCHA (PDS — MA. Sem revisão do orador.) — Sr. Presidente, nobres Srs. Deputados, nosso pronunciamento de hoje é para trazer ao conhecimento da Casa e registrar nos Anais a realização do V Congresso Nacional do Arroz, em Camboriú, Santa Catarina, oportunidade em que cerca de setecentos produtores rurais se reuniram para debater o problema da rizicultura no Brasil. Nessa reunião desejavam os produtores rurais discutir com as autoridades do Governo os diversos problemas do campo, especialmente os relacionados com a cultura do arroz. No entanto, isto não foi possível, porque os Srs. Ministros da área econômica não compareceram ao conclave. Tenho certeza de que o motivo do não comparecimento dessas autoridades não foi aquele que se ouvia nos boatos espalhados no Congresso — os Ministros não teriam comparecido porque não saberiam justificar perante os produtores rurais os juros altos para a agricultura, especialmente para aquisição de máquinas. Tenho quase certeza de que isto não é verdade, mesmo porque auxiliares desses Ministros lá estiveram, como o Presidente do BNCC, o Presidente da EMBRAPA, um dos diretores da EMBRATER, o Presidente da CEF e outros. Mas, Sr. Presidente, ficou a dúvida entre os setecentos produtores de arroz do Brasil, reunidos naquele conclave, porque precisávamos discutir naquela ocasião os preços mínimos, que não representam a realidade, que não se aproximam do preço real da produção, haja vista os gastos que estamos enfrentando no campo.

Sr. Presidente, nobres Srs. Deputados, cultivar a terra, hoje, constitui-se quase numa angústia — angústia do Nordeste pela falta de chuva; angústia do Sul, às vezes, pelas geadas. O nordestino, quando perde a safra de arroz por causa da seca, logo em seguida vê-se impossibilitado de encontrar outros meios de alimentar sua família por causa do exagero do inverno, que provoca enchentes.

O Congresso também queria debater o Valor Básico de Custo, os juros. Tenho a impressão de que dificilmente alguém, neste País, terá coragem de fazer um investimento tão alto, com juros tão pesados, para correr riscos com a ausência de chuvas ou com chuvas demais, com geadas. Mas há quem afirme: existe o PROAGRO. O que é o PROAGRO, Sr. Presidente e Srs. Deputados, se não a terceira garantia que o banco estabeleceu, que poderíamos batizar de garantia de terceiro grau, pois, na verdade, as garantias de primeiro e de segundo graus nós dávamos? Agora, vem o PROAGRO como garantia de terceiro grau.

Assim, registramos qui a realização daquele conclave de grande importância, que concluiu por uma série de reivindicações. A nossa área, o Nordeste, pediu ao Governo o apoio à tese do Ministro Andreazza no sentido de não se dar esmolas ao nordestino, mas encontrar soluções definitivas para os problemas que afligem aquela região, com os recursos de que o Governo Federal dispuser. Que através da SUDENE, do DNOCS, do DNOS, do Projeto Sertanejo se elabore um grande projeto de irrigação para aumentar a produção do Nordeste, sem ser necessário que seu povo sofra com a seca ou com as enchentes, e sem que tenha sempre de estender a mão ao Governo para pedir uma esmola. Não queremos esmolas, Sr. Presidente. Queremos ser tratados como gente e como povo de uma região que tem a coragem de trabalhar, que tem a coragem de produzir.



COMISSÃO DE CONSTITUIÇÃO E JUSTIÇA

PROJETO DE LEI N° 5.076, DE 1981

Autoriza o Senhor Presidente da República a conceder pensão especial.

AUTOR: Do SENADO FEDERAL

RELATOR: Deputado ERNANI SATYRO

RELATÓRIO

O presente Projeto de Lei, oriundo do Senado Federal, autoriza o Senhor Presidente da República a conceder ao editor JOSE OLIMPIO PEREIRA FILHO uma pensão especial equivalente a dez salários mínimos, no maior valor vigente do País.

O autor do Projeto, naquela casa do Congresso Nacional, Senador Luiz Viana Filho, justifica plenamente a sua proposição, que foi aprovada pelas Comissões de Constituição e Justiça, de Finanças e, posteriormente, pelo Plenário, em dois turnos, e em redação final. Foi enviado à Câmara, de acordo com as normas constitucionais e regimentais em vigor.

FARECEER DO RELATÓRIO

Adotamos as palavras de justificação escritas pelo Senador Luiz Viana Filho, por dizerem, com a precisão de costume, o que representa o Projeto e quem é José Olympio Pereira Filho. Apenas nos permitimos juntar, a essas palavras, conceitos por nós emitidos, na tribuna da Câmara, sobre essa figura extraordinária de brasileiro e de editor, consagrado, durante toda a sua vida, aos elevados interesses da cultura



brasileira. Mais não é necessário, para exprimir o nosso juizo e o nosso sentimento a respeito do Projeto e do seu beneficiário.

Consideramos o Projeto digno de aprovação, nos seus aspectos de constitucionalidade, juridicidade e técnica legislativa. Apenas cumprimos o dever de advertir que a matéria é controvertida nesta Comissão, no sentido de saber se os projetos que implicam em repercussão financeira, mesmo autorizativos, podem ser de iniciativa do Poder Legislativo. Nesse sentido, existe um grande número de proposições sobre a Mesa da Comissão, aguardando a realização de uma sessão especialmente destinada a dirimir a controvérsia.

No que nos toca, pois, opinamos pela aprovação do Projeto, sendo oportuno consignar que muitos outros, dessa natureza, têm tramitado por esta e pela outra casa do Congresso Nacional. No Senado, por exemplo, nenhuma dúvida reina sobre a constitucionalidade da iniciativa, uma vez que se trata de mera autorização, a ser ou não aceita pelo Poder Executivo.

É verdade que o próprio Relator, abaixo assinado, já participou de dúvidas nesta matéria, mas afinal firmou seu entendimento no sentido da constitucionalidade, ora reafirmada.

Este é o nosso parecer.

Sala da Comissão, em 6 de outubro de 1981.

Ernani Satyro
Deputado ERNANI SATYRO

Relator

COMISSÃO DE CONSTITUIÇÃO E JUSTIÇA



PROJETO DE LEI Nº 5.078, DE 1981

PARECER DA COMISSÃO

A Comissão de Constituição e Justiça, em reunião de sua Turma "B", opinou, contra o voto do Deputado Brabo de Carvalho, pela constitucionalidade, juridicidade e técnica legislativa do Projeto de Lei nº 5.078/81, nos termos do parecer do relator.

Estiveram presentes os Senhores Deputados:

Afrísio Vieira Lima - Presidente, Antônio Morimoto, Brabo de Carvalho, Elquisson Soares, Ernani Satyro, Gomes da Silva, Jairo Magalhães, Louremberg Nunes Rocha, Nelson Morro, Nilson Gibson, Péricles Gonçalves, Pimenta da Veiga, Tarcísio Delgado, Waldir Walter e Walter Silva.

Sala da Comissão, em 04 de novembro de 1981.


Deputado AFRÍSIO VIEIRA LIMA
Presidente

Deputado ERNANI SATYRO
Relator

spm



CÂMARA DOS DEPUTADOS



COMISSÃO DE FINANÇAS

PROJETO DE LEI N° 5 078, DE 1 981

* Autoriza o Senhor Presidente da República a conceder pensão especial.

Do Senado Federal

Relator: Deputado ATHIÉ COURY

R E L A T Ó R I O

Com o projeto sob exame, objetiva o Senado Federal autorizar o Excelentíssimo Senhor Presidente da República a conceder ao editor José Olympio Pereira Filho pensão especial equivalente a dez salários



rios-mínimos, no maior vigente no País.

Ao ser a iniciativa submetida à revisão desta Casa, foi distribuída às Comissões de Justiça e de Finanças, tendo a primeira opinado — contra o voto do Deputado Brabo de Carvalho — por sua constitucionalidade, juridicidade e técnica legislativa, acolhendo os termos em que prolatado o parecer do Relator, Deputado Ernani Satyro.

É o relatório.

V O T O D O R E L A T O R

A proposição senatorial é da iniciativa do acadêmico Luiz Viana Filho, que consignou na justificação:



" Há cinqüenta anos, ou seja, em 1931, um jovem paulista, filho de pequena cidade do interior, Batatais, fundava modesta, mas nem por isso menos ambiciosa editora. Chamava-se ele José Olympio Pereira Filho, e, ainda adolescente, empregara-se como caixeiros — assim se chamava então — da conhecida Livraria Garraud, em São Paulo. Seria aí a escola do futuro grande editor. O trabalho quotidiano fizera-o um apaixonado do livro, cuja vida passara a acompanhar dia-a-dia, ao tempo em que, graças a uma inteligência perspicaz, também se familiarizava com os autores, os seus sonhos e os seus dramas. E animado por um forte sopro de idealismo, certo de que o editor poderia, a um só tempo, acolher e ajudar os jovens e ainda desconhecidos autores, mas também servir à cultura do país, revelando-lhe novos valores, criou o jovem paulista, já então trans-



CÂMARA DOS DEPUTADOS

04.



ferido para o Rio de Janeiro, a Livraria José Olympio Editora, cujo cinqüenário agora se celebra entre os aplausos e o reconhecimento de quantos, no Brasil, amam e acreditam nas letras."

Mas o editor de escritores iniciantes, que a tantos projetou e renomou, esqueceu de si próprio, e hoje se encontra sem direito sequer a provenios previdenciários.


A lei resultante da presente proposta será meramente autorizativa. Cumpri-la-á o Presidente da República quando julgar conveniente. E nas finanças públicas, quando isto ocorrer, não haverá de provocar maior reflexos negativos.

Com esta compreensão respeitante ao



CÂMARA DOS DEPUTADOS

05.



assunto, o presente voto é pela aprovação do Projeto nº 5 078/81, do Senado Federal.

Sala da Comissão, em

Dep. ATHIÉ COURY

- Relator -

/t.



CÂMARA DOS DEPUTADOS



COMISSÃO DE FINANÇAS

PARECER DA COMISSÃO

PROJETO DE LEI N° 5.078/81

A Comissão de Finanças, em reunião ordinária realizada no dia 12 de novembro de 1981, opinou, unanimemente, pela APROVAÇÃO do Projeto de Lei nº 5.078/81 - do Senado Federal - nos termos do parecer do relator, Deputado Athiê Coury.

Estiveram presentes os Senhores Deputados Luiz Baccarini, Presidente, Olivir Gabardo e Vicente Guabiroba, Vice-Presidentes, José Carlos Fagundes, Airon Rios, Ruy Côdo, José Mendonça Bezerra, João Cunha, Hildérico Oliveira, Christovam Chiaradia, Leorne Belém, Jorge Vargas e Athiê Coury.

Sala da Comissão, em 12 de novembro de 1981

Deputado LUIZ BACCARINI
Presidente

Deputado ATHIÉ COURY
Relator

CÂMARA DOS DEPUTADOS

PROJETO DE LEI Nº 5.078-A, de 1981

(DO SENADO FEDERAL)



Autoriza o Senhor Presidente da República a conceder pensão especial; tendo pareceres: da Comissão de Constituição e Justiça, pela constitucionalidade, juridicidade e técnica legislativa, contra o voto do Sr. Brabo de Carvalho; e, da Comissão de Finanças, pela aprovação.

(PROJETO DE LEI Nº 5.078, de 1981, a que se referem os pareceres).



CÂMARA DOS DEPUTADOS

PROJETO DE LEI N.º 5.078, de 1981

(Do Senado Federal)

Autoriza o Senhor Presidente da República a conceder pensão especial.

(As Comissões de Constituição e Justiça e de Finanças.)

O Congresso Nacional de creta:

Art. 1.º É o Senhor Presidente da República autorizado a conceder ao editor José Olympio Pereira Filho uma pensão especial equivalente a dez salários mínimos, no maior valor vigente no País.

Art. 2.º Esta Lei entra em vigor na data de sua publicação.

Art. 3.º Revogam-se as disposições em contrário.

Senado Federal, 24 de agosto de 1981. — Senador **Jarbas Passarinho**, Presidente.



CÂMARA DOS DEPUTADOS

COMISSÃO DE CONSTITUIÇÃO E JUSTIÇA



PROJETO DE LEI N° 5.078, DE 1981

Autoriza o Senhor Presidente da República a conceder pensão especial.

AUTOR: Do SENADO FEDERAL

RELATOR: Deputado ERNANI SATYRO

RELATÓRIO

O presente Projeto de Lei, oriundo do Senado Federal, autoriza o Senhor Presidente da República a conceder ao editor JOSE OLIMPIO PEREIRA FILHO uma pensão especial equivalente a dez salários mínimos, no maior valor vigente do País.

O autor do Projeto, naquela casa do Congresso Nacional, Senador Luiz Viana Filho, justifica plenamente a sua proposição, que foi aprovada pelas Comissões de Constituição e Justiça, de Finanças e, posteriormente, pelo Plenário, em dois turnos, e em redação final. Foi enviado à Câmara, de acordo com as normas constitucionais e regimentais em vigor.

PARECER DO RELATOR

Adotamos as palavras de justificação escritas pelo Senador Luiz Viana Filho, por dizerem, com a precisão de costume, o que representa o Projeto e quem é José Olympio Pereira Filho. Apenas nos permitimos juntar, a essas palavras, conceitos por nós emitidos, na tribuna da Câmara, sobre essa figura extraordinária de brasileiro e de editor, consagrado, durante toda a sua vida, aos elevados interesses da cultura



CÂMARA DOS DEPUTADOS



brasileira. Mais não é necessário, para exprimir o nosso juizo e o nosso sentimento a respeito do Projeto e do seu beneficiário.

Consideramos o Projeto digno de aprovação, nos seus aspectos de constitucionalidade, juridicidade e técnica legislativa. Apenas cumprimos o dever de advertir que a matéria é controvertida nesta Comissão, no sentido de saber se os projetos que implicam em repercussão financeira, mesmo autorizativos, podem ser de iniciativa do Poder Legislativo. Nesse sentido, existe um grande número de proposições sobre a Mesa da Comissão, aguardando a realização de uma sessão especialmente destinada a dirimir a controvérsia.

No que nos toca, pois, opinamos pela aprovação do Projeto, sendo oportuno consignar que muitos outros, dessa natureza, têm tramitado por esta e pela outra casa do Congresso Nacional. No Senado, por exemplo, nenhuma dúvida reina sobre a constitucionalidade da iniciativa, uma vez que se trata de mera autorização, a ser ou não aceita pelo Poder Executivo.

É verdade que o próprio Relator, abaixo assinado, já participou de dúvidas nesta matéria, mas afinal firmou seu entendimento no sentido da constitucionalidade, ora reafirmada.

Este é o nosso parecer.

Sala da Comissão, em 6 de outubro de 1981.

Deputado ERNANI SATYRO

Relator



CÂMARA DOS DEPUTADOS

COMISSÃO DE CONSTITUIÇÃO E JUSTIÇA



PROJETO DE LEI Nº 5.078, DE 1981

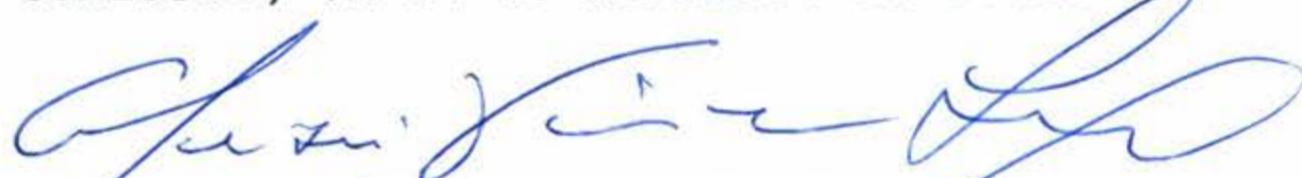
PARECER DA COMISSÃO

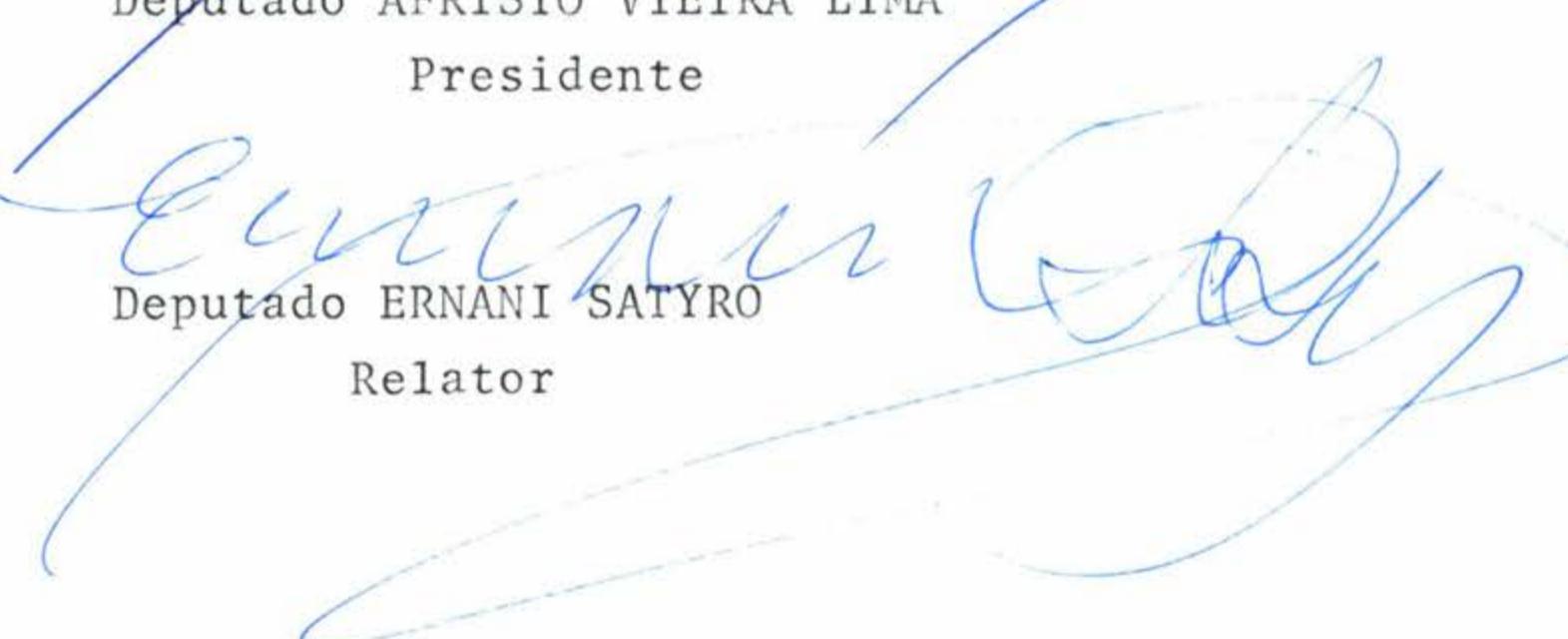
A Comissão de Constituição e Justiça, em reunião de sua Turma "B", opinou, contra o voto do Deputado Brabo de Carvalho, pela constitucionalidade, juridicidade e técnica legislativa do Projeto de Lei nº 5.078/81, nos termos do parecer do relator.

Estiveram presentes os Senhores Deputados:

Afrísio Vieira Lima - Presidente, Antônio Morimoto, Brabo de Carvalho, Elquissón Soares, Ernani Satyro, Gomes da Silva, Jairo Magalhães, Louremberg Nunes Rocha, Nelson Morro, Nilson Gibson, Péricles Gonçalves, Pimenta da Veiga, Tarcísio Delgado, Waldir Walter e Walter Silva.

Sala da Comissão, em 04 de novembro de 1981.


Deputado AFRÍSIO VIEIRA LIMA
Presidente


Deputado ERNANI SATYRO
Relator

spm

Abaixo o projeto à sanção
em 03.08.81

E

25/8



CÂMARA DOS DEPUTADOS

PROJETO DE LEI N.º 5.078-A, de 1981

(Do Senado Federal)

Autoriza o Senhor Presidente da República a conceder pensão especial; tendo pareceres: da Comissão de Constituição e Justiça, pela constitucionalidade, juridicidade e técnica legislativa, contra o voto do Sr. Brabo de Carvalho; e, da Comissão de Finanças, pela aprovação.

(Projeto de Lei n.º 5.078, de 1981, a que se referem os pareceres.)

O Congresso Nacional decreta:

Art. 1.º É o Senhor Presidente da República autorizado a conceder ao editor José Olympio Pereira Filho uma pensão especial equivalente a dez salários mínimos, no maior valor vigente no País.

Art. 2.º Esta Lei entra em vigor na data de sua publicação.

Art. 3.º Revogam-se as disposições em contrário.

Senado Federal, 24 de agosto de 1981. — Senador **Jarbas Passarinho**, Presidente.

PARECER DA COMISSÃO DE CONSTITUIÇÃO E JUSTIÇA

I — Relatório

O presente Projeto de Lei, oriundo do Senado Federal, autoriza o Senhor Presidente da República a conceder ao editor José Olympio Pereira Filho uma pensão especial equivalente a dez salários mínimos, no maior valor vigente do País.

O autor do projeto, naquela casa do Congresso Nacional, Senador Luiz Viana Filho, justifica plenamente a sua proposição,


que foi aprovada pelas Comissões de Constituição e Justiça, de Finanças e, posteriormente, pelo Plenário, em dois turnos, e em redação final. Foi enviado à Câmara, de acordo com as normas constitucionais e regimentais em vigor.

II — Voto do Relator

Adotamos as palavras da Justificação escritas pelo Senador Luiz Viana Filho, por dizerem, com a precisão de costume, o que representa o projeto e quem é José Olympio Pereira Filho. Apenas nos permitimos juntar, a essas palavras, conceitos por nós emitidos na tribuna da Câmara, sobre essa figura extraordinária de brasileiro e de editor, consagrado, durante toda a sua vida, aos elevados interesses da cultura brasileira. Mais não é necessário, para exprimir o nosso juízo e o nosso sentimento a respeito do projeto e do seu beneficiário.

Consideramos o projeto digno de aprovação, nos seus aspectos de constitucionalidade, juridicidade e técnica legislativa. Apenas cumprimos o dever de advertir que a matéria é controvertida nesta Comissão, no sentido de saber se os projetos que implicam em repercussão financeira, mesmo autorizativos, podem ser de iniciativa do Poder Legislativo. Nesse sentido, existe um grande número de proposições sobre a mesa da Comissão, aguardando a realização de uma sessão especialmente destinada a dirimir a controvérsia.

No que nos toca, pois, opinamos pela aprovação do projeto, sendo oportuno consignar que muitos outros, dessa natureza, têm tramitado por esta e pela outra casa do Congresso Nacional. No Senado, por exemplo, nenhuma dúvida reina sobre a constitucionalidade da iniciativa, uma vez que se trata de mera autorização, a ser ou não aceita pelo Poder Executivo.

É verdade que o próprio Relator, abaixo assinado, já participou de dúvidas nesta matéria, mas afinal firmou seu entendimento no sentido da constitucionalidade, ora reafirmada.

Este é o nosso parecer.

Sala da Comissão, 6 de outubro de 1981. — **Ernani Satyro**, Relator.

III — Parecer da Comissão

A Comissão de Constituição e Justiça, em reunião de sua Turma "B", opinou, contra o voto do Deputado Brabo de Carvalho, pela constitucionalidade, juridicidade e técnica legislativa do Projeto de Lei n.º 5.078/81, nos termos do parecer do Relator.

Estiveram presentes os Senhores Deputados: Afrísio Vieira Lima — Presidente, Antônio Morimoto, Brabo de Carvalho, Elquisson Soares, Ernani Satyro, Gomes da Silva, Jairo Magalhães, Lourenberg Nunes Rocha, Nelson Morro, Nilson Gibson, Péricles Gonçalves, Pimenta da Veiga, Tarcísio Delgado, Waldyr Walter e Walter Silva.

Sala da Comissão, 4 de novembro de 1981. — **Afrísio Vieira Lima**, Presidente — **Ernani Satyro**, Relator.

PARECER DA COMISSÃO DE FINANÇAS



I — Relatório

Com o Projeto sob exame, objetiva o Senado Federal autorizar o Excelentíssimo Senhor Presidente da República a conceder ao editor José Olympio Pereira Filho pensão especial equivalente a dez salários mínimos, no maior valor vigente no País.

Ao ser a iniciativa submetida à revisão desta Casa, foi distribuída às Comissões de Justiça e de Finanças, tendo a primeira opinado — contra o voto do Deputado Brabo de Carvalho — por sua constitucionalidade, juridicidade e técnica legislativa, acomodando os termos em que prolatado o parecer do Relator, Deputado Ernani Satyro.

É o relatório.

II — Voto do Relator

A proposição senatorial é da iniciativa do acadêmico Luiz Viana Filho, que consignou na Justificação:

"Há cinquenta anos, ou seja, em 1931, um jovem paulista, filho de pequena cidade do interior, Batatais, fundava modesta, mas nem por isso menos ambiciosa editora. Chamava-se ele José Olympio Pereira Filho, e, ainda adolescente, empregara-se com caixeiro — assim se chamava então — da conhecida Livraria Garraud, em São Paulo. Seria aí a escola do futuro grande editor. O trabalho quotidiano fizera-o um apaixonado do livro, cuja vida passara a acompanhar dia a dia, ao tempo em que, graças a uma inteligência perspicaz, também se familiarizava com os autores, os seus sonhos e os seus dramas. E animado por um forte sopro de idealismo, certo de que o editor poderia, a um só tempo, acolher e ajudar os jovens e ainda desconhecidos autores, mas também servir à cultura do País, revelando-lhe novos valores, criou o jovem paulista, já então transferido para o Rio de Janeiro, a Livraria José Olympio Editora, cujo cinquentenário agora se celebra entre os aplausos e o reconhecimento de quantos, no Brasil, amam e acreditam nas letras."

Mas o editor de escritores iniciantes que a tantos projetou e renomou, esqueceu de si próprio, e hoje se encontra sem direito sequer a proventos previdenciários.

A lei resultante da presente propositura será meramente autorizativa. Cumpri-la-á o Presidente da República quando julgar conveniente. E nas finanças públicas quando isto ocorrer não haverá de provocar maiores reflexos negativos.

Com esta compreensão respeitante ao assunto, o presente voto é pela aprovação do Projeto n.º 5.078/81, do Senado Federal.

Sala da Comissão,

Athiê Coury, Relator.

III — Parecer da Comissão

A Comissão de Finanças, em reunião ordinária realizada no dia 12 de novembro de 1981, opinou, unanimemente, pela **Aprovação** do Projeto de Lei n.º 5.078/81 — do Senado Federal — nos termos do parecer do Relator, Deputado Athiê Coury.

Estiveram presentes os Senhores Deputados: Luiz Baccarini, Presidente, Olivir Gabardo e Vicente Guabiroba, Vice-Presidentes, José Carlos Fagundes, Airon Rios, Ruy Côdo, José Mendonça Bezerra, João Cunha, Hildérico Oliveira, Christovam Chiaradia, Leonne Belém, Jorge Vargas e Athiê Coury.

Sala da Comissão, 12 de novembro de 1981. — **Luiz Baccarini**, Presidente — **Athiê Coury**, Relator.

Lote: 57
Caixa: 162
PL N° 5078/1981
37



Brasília, o 7 de dezembro de 1981.

Nº 65)

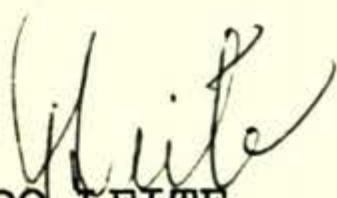
Comunica remessa do Projeto
de Lei nº 5.078-B, de 1981,
à sanção.

Senhor Secretário,

Tenho a honra de comunicar a Vossa Excelência, para que se digne levar ao conhecimento do Senado Federal, que a Câmara dos Deputados aprovou, sem emendas, o Projeto de Lei nº 5.078-B, de 1981, que "autoriza o Senhor Presidente da República a conceder pensão especial", oriundo dessa Casa do Congresso Nacional.

Outrossim, comunico a Vossa Excelência que a referida proposição foi, nesta data, enviada à sanção.

Aproveito a oportunidade para renovar a Vossa Excelência os protestos da minha alta estima e mais distinta consideração.


FURTADO LEITE
Primeiro Secretário

A Sua Excelência o Senhor
Senador IVANDRO CUNHA LIMA
Digníssimo Primeiro Secretário do Senado Federal



MENSAGEM N° 19/81

EXCELENTÍSSIMO SENHOR PRESIDENTE DA REPÚBLICA

O PRESIDENTE DA CÂMARA DOS DEPUTADOS tem a honra de enviar a Vossa Excelência, para os fins constitucionais, o incluso Projeto de Lei do Congresso Nacional, que "autoriza o Senhor Presidente da República a conceder pen são especial".

CÂMARA DOS DEPUTADOS, EM 07 DE DEZEMBRO DE 1981.



Aviso nº 708 -SUPAR/81.

Em 14 de dezembro de 1981.

Excelentíssimo Senhor Primeiro Secretário:

Tenho a honra de encaminhar a essa Secretaria a Mensagem com a qual o Excelentíssimo Senhor Presidente da República restitui dois autógrafos do texto que se converteu na Lei nº 6.975, de 14 de dezembro de 1981.

Aproveito a oportunidade para renovar a Vossa Excelência protestos de elevada estima e consideração.

Leitão de Abreu
JOÃO LEITÃO DE ABREU
Ministro Chefe do Gabinete Civil

A Sua Excelência o Senhor
Deputado FURTADO LEITE
DD. Primeiro Secretário da Câmara dos Deputados
BRASÍLIA - DF

Ciente. Encaminhe-se um dos autógrafos ao Senado Federal. ao arquivo.
Em 16.12.81.



MENSAGEM Nº 624

EXCELENTÍSSIMO SENHOR PRESIDENTE DA CÂMARA DOS DEPUTADOS:

Tenho a honra de comunicar a Vossa Excelência que acabo de sancionar o projeto de lei que "autoriza o Senhor Presidente da República a conceder pensão especial". Para o arquivo do Congresso Nacional, restituo, nesta oportunidade, dois autógrafos do texto ora convertido na Lei nº 6.975, de 14 de dezembro de 1981.

Brasília, em 14 de dezembro de 1981.



LEI N° 6.975, de 14 de dezembro de 1981.

Autoriza o Senhor Presidente da República a conceder pensão especial.

O P R E S I D E N T E D A R E P Ú B L I C A

Faço saber que o Congresso Nacional decreta e eu sanciono a seguinte Lei:

Art. 1º - Fica o Senhor Presidente da República autorizado a conceder ao editor JOSE OLIMPIO PEREIRA FILHO uma pensão especial equivalente a dez salários mínimos, no maior valor vigente no País.

Art. 2º - Esta Lei entra em vigor na data de sua publicação.

Art. 3º - Revogam-se as disposições em contrário.

Brasília, em 14 de dezembro de 1981;
160º da Independência e 93º da República.



Jair Bolsonaro

BR 14/12/81

Jair Bolsonaro

Autoriza o Senhor Presidente da República a conceder pensão especial.

O CONGRESSO NACIONAL decreta:

Art. 1º - Fica o Senhor Presidente da República autorizado a conceder ao editor JOSE OLIMPIO PEREIRA FILHO uma pensão especial equivalente a dez salários mínimos, no maior valor vigente no País.

Art. 2º - Esta lei entra em vigor na data de sua publicação.

Art. 3º - Revogam-se as disposições em contrário.

CÂMARA DOS DEPUTADOS, em 07 de dezembro de 1981.

Nelson Sarcham



Aviso nº 708 -SUPAR/81.

Em 14 de dezembro de 1981.

Excelentíssimo Senhor Primeiro Secretário:

Tenho a honra de encaminhar a essa Secretaria a Mensagem com a qual o Excelentíssimo Senhor Presidente da República restitui dois autógrafos do texto que se converteu na Lei nº 6.975, de 14 de dezembro de 1981.

Aproveito a oportunidade para renovar a Vossa Excelência protestos de elevada estima e consideração.

Leitão de Abreu
JOÃO LEITÃO DE ABREU
Ministro Chefe do Gabinete Civil

A Sua Excelência o Senhor
Deputado FURTADO LEITE
DD. Primeiro Secretário da Câmara dos Deputados
BRASÍLIA - DF



MENSAGEM N° 624

EXCELENTÍSSIMO SENHOR PRESIDENTE DA CÂMARA DOS DEPUTADOS:

Tenho a honra de comunicar a Vossa Excelência que acabo de sancionar o projeto de lei que "autoriza o Senhor Presidente da República a conceder pensão especial". Para o arquivo do Congresso Nacional, restituo, nesta oportunidade, dois autógrafos do texto ora convertido na Lei nº 6.975, de 14 de dezembro de 1981.

Brasília, em 14 de dezembro de 1981.

A handwritten signature in black ink, appearing to read "Jânio Quadros". The signature is fluid and cursive, with the name "Jânio" on the left and "Quadros" on the right, connected by a horizontal line.



LEI N° 6.975, de 14 de dezembro de 1981.

Autoriza o Senhor Presidente da República a conceder pensão especial.

O P R E S I D E N T E D A R E P Ú B L I C A

Faço saber que o Congresso Nacional decreta e eu sanciono a seguinte Lei:

Art. 1º - Fica o Senhor Presidente da República autorizado a conceder ao editor JOSE OLIMPIO PEREIRA FILHO uma pensão especial equivalente a dez salários mínimos, no maior valor vigente no País.

Art. 2º - Esta Lei entra em vigor na data de sua publicação.

Art. 3º - Revogam-se as disposições em contrário.

Brasília, em 14 de dezembro de 1981;
160º da Independência e 93º da República.



Ofício SGM 668

Brasília, 11 de dezembro de 1981

Senhor Secretário,

Tenho a honra de encaminhar a Vossa Excelência um autógrafo do Projeto de Lei nº 5.078, de 1981, que "autoriza o Senhor Presidente da República a conceder pensão especial", sancionado.

Aproveito a oportunidade para renovar a Vossa Excelência protestos de apreço.

Hilti
Furtado Leite
Primeiro Secretário

A Sua Excelência o Senhor
Senador Ivandro Cunha Lima
DD Primeiro Secretário do Senado Federal

vra

OBSERVAÇÕES

DOCUMENTOS ANEXADOS: _____